

**OSWALD, OSWALDO, OSWALD**  
de José Rubens Siqueira

Este texto foi escrito especialmente para a  
Oficina de Teatro dirigida por  
Edith Siqueira e Lala Deheinzelin  
dos Núcleos Oswaldianos da Oficina Cultural Oswald de Andrade.

O título *Oswald, Oswaldo, Oswald*  
é de um artigo de Antonio Cândido de Mello e Souza  
que generosamente permitiu que eu o  
utilizasse para a peça.

No escuro, sopra um vento suave.

Junto com ele, sopram vozes que se misturam, se sobrepõem às vezes, se repetem, sussurradas:

VOZ- (de Mãe) Oswaldinho está com dente mole e não quer arrancar.  
VOZ- (de menino) Bota o Nufo Doido na cesta de roupa suja!  
VOZ- (de Mãe) Oswaldinho está doente, não vai pra escola hoje.  
VOZ- (de menino) Vou apertar teu dedinho no portão, Curumiro!  
VOZ- (de Pai) Oswaldinho veja a Ilha! Não parece uma moela?  
VOZ- (de moça) Oswaldinho não sabe dançar!  
VOZ- (de mulher) Oswaldinho parece um galo!  
VOZ- (de velha) Aranha vermelha! Sedutor! Descarado!

Com as vozes, a luz vai subindo lentamente.

Oswald, velho, está sentado na cadeira de balanço, no centro do palco inteiramente vazio. Escuta as vozes.

As vozes cessam, fica o vento por baixo da fala dele.

OSWALD- Viajei, fiquei pobre, fiquei rico, casei, enviuvei, casei, divorciei, viajei, casei... Já disse que sou conjugal, gremial e ordeiro. O que não me impediu de ter brigado diversas vezes e tomado parte em algumas batalhas. Nem de ter sido preso treze vezes. Tive também grandes fugas por motivos políticos. Tenho tres filhos e sou casado em últimas núpcias com Maria Antonietta d'Alkmin.  
Toma conta do céu  
Toma conta da terra  
Toma conta do mar  
Toma conta de mim  
Maria Antonietta d'Alkmin...  
(tosse, se explica para si mesmo)  
Asma cardíaca, insuficiência. E o doutor procura me tirar do caixão com injeções de Cardiovitól que o farmacêutico Seu Nenê vem aplicar todas as noites. Na veia.  
(tempo, riso de lembrança, diz alto e alegre)  
A vida é viva! (tempo de lembrança, confirma baixinho)  
A vida é viva... Na veia! (breve tempo, decide)  
Pois se é preciso começar, comecemos pelo começo.  
(acomoda-se) A mais longínqua lembrança que tenho é... sexual. (faz a mímica do que vai dizendo) Sentei na porta de entrada, apertei as pernas, um prazer estranho que vinha das virilhas. (descansa, relembra) Que idade teria? Tres ou quatro anos, no máximo.

Música de circo: entram seis mocinhas de maiô cor-de-rosa, ginastas do circo e fazem um número de acrobacias. Oswald assiste, contente.  
A música baixa de volume, as mocinhas continuam as acrobacias.

OSWALD- O circo era um balão aceso com música e pastéis na entrada.  
O deslumbrado céu aberto na secra das emoções que me cercava. Nas noites de camisolão...

A música cessa de repente. As mocinhas saem correndo de cena.  
Desce do alto uma imensa custódia de prata, com uma pombinha de ouro no centro: o Espírito Santo.  
Entra a Mãe e se ajoelha no centro do palco. Faz o sinal da cruz.

MÃE- Onipotente Senhor meu Deus, escuta esta tua serva Inês Inglês da Souza Andrade e protege meus manos José, Francisco, Herculano, Carlota e Marcos. Ajuda, Senhor, seu servo, José Nogueira de Andrade, meu marido, e facilita seus negócios com os terrenos da Vila Carqueira César. E toma sob o Seu Divino olhar a nosso filho Oswald. (volta-se para Oswald) Reza comigo, filho. (ela fecha os olhos e reza contrita, baixando a voz logo, para que se escute a oração de Oswald)  
Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco, bendita sois entre as mulheres e bendito o fruto de Vosso ventre, Jesus. Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós os pecadores, agora e na hora de nossa morte. Amén.

OSWALD- (junto com a Mãe) Ave Maria cheia de graça, o Senhor convosco, bendita sois entre as mulheres, as mulheres não têm pernas, são como o manequim de mamãe até embaixo. Para que pernas nas mulheres, amén.

A Mãe não nota nada de estranho na oração do filho. Faz de novo o sinal da cruz, levanta-se, volta-se para Oswald.

MÃE- Deus te abençoe. Durma bem, filho. (sai)

Oswald faz o sinal da cruz, dizendo:

OSWALD- Então se descerravam os umbrais do meu mundo secreto.

As seis mocinhas de maiô cor-de-rosa do circo voltam correndo, rindo e fazendo algazarra, excitadas, atiram-se todas sobre Oswald na cadeira de balanço, falando ao mesmo tempo, todas com o maiô ou calção rasgado em algum lugar, pedindo a ele que conserte. Ele atende uma e outra, abraça as que estão mais próximas. Elas correm para o centro do palco, colocam-se em formação.

TRES MOCINHAS (juntas) - O camisolão azul era o pano do circo...  
OUTRAS TRES (juntas) - ...que o mastro central enfunava.

As mocinhas riem, maliciosas e saem, excitadas, jogando beijos.

OSWALD- Cedo mergulhei eu nesse maravilhoso universo da bronha onde permaneci virgem até quase a maioridade.  
Entrei para a escola mista de Dona Ormindá Fonseca...

CORO INVISIVEL (OFF)- Perna fina e coxa seca.

OSWALD- Maria da Glória me levava de manhã...

Entra Maria da Glória, uma preta centenária, bamboleando uma maleta de escola, grande guarda-chuva preto aberto.

MARIA DA GLÓRIA- (voz de "preta véia" de candomblé) O Imperadô Napoleão, grande guerreiro, conheci lá em Pernambuco, minha terra. O dia mais feliz da vida dele foi o dia que ocê feiz permêra comunhão, zi fio.

Ela vai fazendo um círculo pelo palco, em passo lento e preguiçoso.

OSWALD- Sai da escola de Dona Ormindá porque marmanjo não podia continuar na classe com meninas.

Matriculado na escola modelo das tiras de quadros nas paredes alvas escadarias e um cheiro de limpeza.

Entra o grande professor de bigode espetado, seu Carvalho.

CARVALHO- Deus não existe...

OSWALD- No silêncio tique taque da sala de jantar informei mamãe que não havia Deus.

CARVALHO- ...porque Deus é a natureza.

OSWALD- Nunca mais vi seu Carvalho que foi para o inferno.

Maria da Glória acabou o seu giro pelo palco, retornando ao ponto por onde entrou. Ela não sai. Começa a atravessar o palco outra vez e atrás dela entra uma imensa fila de colegiais de uniforme, de dois em dois, meninos na frente, meninas atrás. Os meninos vêm cantando, sussurrado, bem baixinho, mas firmes:

MENINOS- Aguarrás  
Aguarrás  
Dá o cu  
Quem vem atrás!  
Água quente  
Água quente  
Dá o cu  
Quem vai na frente!

Enquanto a fila entra e se coloca como um coro escolar tomando todo o palco, por trás da cadeira de Oswald, cantando sempre, baixinho, Maria da Glória continua seu percurso lento, resmungando a mesma frase. Entra o Doutor Kinipel, com uma varinha na mão, como os professores antigos.

Silêncio instantâneo e absoluto.

KINIPEL- Senhor José Oswald de Souza Andrade tirou qual ponto?

OSWALD- Portos de Segunda Ordem.

KINIPEL- Não aceito em ordem alfabética. Não, senhor, não quero nada de cor. O senhor vai realizar uma viagem. Vai subir de navio num porto do estado do Rio Grande do Sul e desembarcar na Bahia. Exijo apenas uma condição para aprová-lo: que não entre nesse percurso em nenhum porto de primeira ordem. Vamos!

Oswald pensa, olhos fechados, concentrado.

OSWALD- (timidamente) Torres... Florianópolis... Paranaguá... Iguape... Cananéia... Ssss... (vai falar Santos, mas se corrige a tempo) ... não, não... São Sebastião, Ubatuba, Parati... Ahn... ahn... Rio de Janeiro!

Gargalhada geral dos estudantes.

KINIPEL- Rio de Janeiro! Capital da República porto de segunda ordem! Vou expulsá-lo da banca examinadora!

OSWALD- (descarado) Desci para ir de barca a Niterói!

Gargalhada geral dos estudantes. Kinipel quase explode de raiva e sai de cena.

Uma professora magra e comprida toma o seu lugar. Bata palmas, dá o tom musical, como um diapasão humano.

PROFESSORA- Ummmmmmmm!  
CORO- Ummmmmmmmmm!

Ela levanta os braços, silêncio. Ela dá um sinal e se afasta para um lado.

O coro começa a cantar, afinado e sério, emocionante:

CORO- Liberdade, Liberdade,  
dá que ouçamos tua voz!  
Das lutas, na tempestade,  
Abre as asas sobre nós.

O coro continua repetindo apenas essa estrofe, empurrando a cadeira de Oswald suavemente até a boca de cena.

Cantam mais baixo agora e sobre o canto:

OSWALD- Esse clarão presidiu até hoje toda a minha vida. Como poucos, eu conheci as lutas e as tempestades. Como poucos, eu amei a palavra Liberdade e por ela briguei.

O coro, cantando mais alto, a mesma estrofe, envolve Oswald, que desaparece.

Alguns membros do coro vão parando de cantar e começam a recitar, juntos, as palavras do poema Relógio.

Aos poucos já ninguém canta a Liberdade. Todos recitam:

TODOS- As coisas são  
As coisas vêm  
As coisas vão  
As coisas  
Vão e vêm  
Não em vão  
As horas  
Vão e vêm  
Não em vão

E continuam recitando, marcando o ritmo, graves.

O coro vai se dividindo em dois blocos a partir do centro.

No espaço que se abriu, vazio, vemos a Mãe de Oswald deitada no chão, mãos cruzadas no peito, morta.

Os estudantes carregam seu corpo.

No chão do palco fica o desenho da morta e no lugar do coração uma medalha com corrente.

Os estudantes saem do palco, carregando o corpo num cortejo fúnebre, sempre dizendo os versos do Relógio.

O vento começa a soprar, as vozes dos estudantes vão desaparecendo à medida que eles saem do palco.

No palco vazio, sob o vento, Oswald aparece de repente, com malas nas mãos.

Estaca.

Larga as malas no chão, corre, desesperado, curva-se e beija o lugar onde estava o corpo da Mãe.

Pega a medalha com corrente e coloca no pescoço.

OSWALD- Sinto-me só, perdido numa imensa noite de orfandade. A amada que me deu a vida partiu sem me dizer adeus.

O vento sopra mais forte.

Entra rapidamente Oswald 2 que se ajoelha ao lado de Oswald 1, beija o chão como ele fez antes.

Entra rapidamente Oswald 3 que se ajoelha ao lado dos outros dois, beija o chão como os outros fizeram antes.

OSWALD 1- Aqui estou eu de novo, diante do velho oratório doméstico, com suas fulgurações de prata...

OSWALD 2- Uma célula vazia de significação e muito pouco digna de respeito.

OSWALD 3- Por trás do oratório não existe nada!

OSWALD 1- A parede, em vez do céu prometido.

OSWALD 3- Nenhuma ligação metafísica unindo essas figurações baratas a um império supraterrâneo.

OSWALD 2- Nada, nada, nada, nada...

A custódia de prata se parte em pedaços, explode, desaparece.

Oswald 1 sai para um lado.

Oswald 3 sai pelo lado oposto.

Oswald 2 fica sozinho no centro.

OSWALD- Sinto-me só.

Uma caixinha de música começa a tocar.

Uma bailarina de tutu branco, entra, girando nas sapatilhas de ponta, fazendo um círculo pelo palco, em torno de Oswald. Ele assiste.

Um apito de navio soa distante sobre a caixinha de música.

OSWALD- Sozinho... no transatlântico que me levava para a Europa... Então... uma criança linda... onze anos... dançando entre o céu e o mar... Landa... Landa Kosbach.

A música se transforma na Ifigênia de Gluck.

Entra Isadora Duncan, vestindo uma túnica leve sobre a pele.

Ela dança, livre, junto com Landa que continua girando, rígida no seu tutu armado: um pas-de-deux da dança antiga com a moderna.

Landa sai, sempre girando.

OSWALD- (assistindo a dança de Isadora) Isadora Duncan ... com seus pés nus restaurou a dança e abriu para o século o prenúncio de um renascimento...

Entram dois garçons que colocam uma grande poltrona de palha e uma mesinha com um vaso de flores e um balde onde gela champanhe e taças. Oswald serve o champanhe, Isadora se atira na poltrona, ofegante. Ele dá a taça para ela, brindam e bebem. Isadora esvazia sua taça de um gole só. Ele põe mais champanhe na taça dela. Ela bebe e escuta, rindo, semi-nua.

OSWALD- (tímido e sedutor) Quem sou eu diante de você, deusa boêmia? Quem sou eu?... o menino gordinho que saiu virgem das saias da mãe aos vinte anos?...

ISADORA- O jornalista Oswald de Andrade. O poeta Miramar, não?

- OSWALD- Não. Eu nunca consegui versejar. A métrica foi sempre para mim uma couraça entorpecente. No vento do futurismo eu tentei um poema livre.
- ISADORA- Diz.
- OSWALD- O último passeio de um tuberculoso pela cidade, de bonde.
- ISADORA- (espera, ri) Só?
- OSWALD- Só guardei o título. O poema eu joguei fora. E com ele a esperança de ver a nossa literatura renovada. Não encontrei um só escritor que se animasse a renovar as artes no Brasil. Enquanto que em Paris eu tinha visto um poeta livre ser eleito príncipe dos poetas franceses.
- ISADORA- (rindo, divertida) Por que você gosta mais da Europa do que do Brasil?
- OSWALD 2- A Europa foi sempre para mim uma fascinação... a existência livre de artistas, com amores também livres... (Isadora ri) Na Europa, eu me encontrei: a paisagem, o macarrão, o vinho. (Isadora ri) Tudo. Na Europa, o amor nunca foi pecado. Lá não era crime nenhum amar.

Isadora ri.

- OSWALD- Em Paris, eu descobri tres delicias, um doce, um queijo e uma garota. O primeiro era um éclair, o segundo era um queijinho da Normandia que parecia estragado...
- ISADORA- Le Camembert! E a garota?
- OSWALD- Kamiá. Rainha dos estudantes de Montparnasse.

Entra Kamiá e canta. Isadora cantarola junto.

- KAMIA- Les femmes des étudiants  
Sont chaudes comme de la braise  
Quand elles n'ont pas d'amants  
Elles prennent les barreaux de chaise  
Et l'on s'en fout  
La digue, digue, daine!  
Et l'on s'en fout  
La digue, digue, don!

- OSWALD- E voltei para o Brasil com Kamiá, inocente como fui. Apenas tinha uma nova dimensão na alma - a liberdade.
- ISADORA- A liberdade e uma mulher.
- OSWALD- Duas.
- ISADORA- (rindo, perplexa) Duas?!
- OSWALD- Kamiá e... Landa. Quando voltei minha mãe tinha morrido.

Entra o Pai de terno preto, chapéu côco, guarda-chuva.  
Kamiá vai até ele, tira do próprio pescoço o cachecol, coloca no pescoço dele.  
Vão saindo enquanto Oswald diz.

- OSWALD- Meu pai era um velho choroso que só falava na mulher morta. Kamiá o apanhou na orfandade dos setenta anos e preparou para ele vitela ao molho branco, à moda da França. (tempo) Dois anos depois nasceu meu filho.

Voltam o Pai e Kamiá com um bebê no colo, atravessando o palco devagar.

OSWALD- Mais dois anos e Landa Kosbach volta da Europa.

Soa a caixinha de música, Landa entra rodopiando sobre as sapatilhas de ponta.

O Pai e Kamiá param e olham com raiva para ela, por cima dos ombros. Madame Schindelar, uma bola vestida de vidrilhos, entra com um roupão na mãos, vai até Landa, abre o roupão, como uma cortina, escondendo Landa dos olhos da platéia. Durante a cena seguinte, Landa se despe e veste o roupão, entregando as roupas de dança para Madame Schindelar. O Pai e Kamiá continuam em cena.

OSWALD- Hospedamos Landa e a mãe em nossa casa.

ISADORA- (surpresa) Junto com sua mulher?

OSWALD- Eu não tinha compromissos com Kamiá. Já tinha avisado na Europa que não ia casar com ela. (Isadora dá uma gargalhada divertida com a história. Oswald se justifica) Afinal o que mais eu podia querer, eu, um artista, do que fazer a minha vida com uma criança linda, devotada à arte, à dança? Que monstruosidade havia nesse sonhado casamento?

PAI- Se abandonar seu filho e se casar com essa dançarina, se ligar sua vida a uma cômica, a uma mulher de teatro, não vou permitir que chegue às suas mãos o resultado dos meus setenta anos honrados! Pode ir! Pode ir! Mas no rumo dessa família não leva as minhas bênçãos! Vou denunciar pelos jornais a sua vileza, a sua indignidade.

Oswald tem um gesto de impaciência na direção do Pai.

PAI- (recuando um passo) Quer me bater?! Pois case com essa perdida e pode vir buscar o meu cadáver.

Furioso, o Pai arrebatava a criança dos braços de Kamiá e sai.

Kamiá fica sozinha, dócil, torcendo as mãos.

Oswald e Kamiá se encaram.

Madame Schindelar avança até Oswald, com as roupas de dança de Landa nas mãos.

Isadora se levanta e assiste apoiada nas costas da poltrona.

MADAME- Agradeça a seu padrinho, minha filha. (para Oswald) Graças ao senhor nos receberam nas redações de todos os jornais. Fizeram mais de setenta fotos da minha menina. (bate palmas) Agora, os exercícios da tarde, filha. (faz um carinho no rosto de Landa e diz baixo:) Você terá príncipes na tua cama!

Isadora ouve e ri.

Madame Schindelar sai, pisando firme e vira o rosto ao passar por Kamiá.

Oswald olha para Landa, olha para Kamiá.

Kamiá chora baixo, mordendo o lábio e vira-se de costas.

Soa um piano.

Oswald dá um passo na direção de Landa.

Landa sorri. Lentamente abre o roupão, deixa cair no chão. Está nua.

E nua, começa os exercícios de balé.

Oswald hesita, corre até ela. Abraça Landa com tesão, beijam-se.

Landa tenta se libertar, Oswald não solta.

LANDA- Não... não... eu tenho de te contar um segredo. Ela não é minha mãe. E minha avó e forjou os documentos. Minha mãe eu conheci na Alemanha. E... uma perdida. (chora) Como eu. Tenho tres amores com o teu.

Oswald recua, chocado. Landa se abaixa, pega o roupão e se cobre.

LANDA- Amo um, amo outro, não sei... Sou artista.

Estende a mão na direção de Oswald. Ele vira as costas para ela.

Landa sai correndo.

Kamiá se volta para ele.

KAMIA- Já viu seu filho como está grandinho?

OSWALD- Já.

KAMIA- Nem se importa mais com ela. Ela teve sarampo. Quase ficou com o olho torto. (Um silêncio cheio de moscas, ela explode) Diga a verdade! Não há nada mais triste do que ser enganada. Eu sou uma inútil! Você está apaixonado por essa bailarina! Conte tudo!

Oswald se afasta dela e cai sentado na poltrona de palha.

Isadora afaga seus cabelos. Kamiá avança para ele, furiosa.

KAMIA- Pois fique sabendo que eu expulsei as duas da sua casa... da casa do seu filho!

Ela sai, furiosa.

Madame Schindelar entra em seguida, furiosa também, carregada de malas.

MADAME- (para Oswald) Aranha vermelha! Sedutor! Descarado! (sai)

Isadora dá uma taça de champanhe para Oswald, ajoelha-se ao lado dele. Ele bebe.

OSWALD- (ofegante, fora de si, alheio, como se se deslocasse para fora do tempo e do espaço)  
Sinto às vezes acabrunhamentos incríveis. Mas volto à tona com uma tremenda tenacidade. Tenho horas de profundo abatimento, de luta e de desespero, de consciência da derrota.

Isadora faz um carinho em Oswald e ele retorna à realidade.

OSWALD- Restou um elo entre mim e a francesa Kamiá.

ISADORA- O filho.

OSWALD- E... Um dia recebo um recado... ele está doente... cólicas, vômitos, febre... passamos uma noite horrível... remédio de hora em hora... ao meio-dia desmaiou, pensamos que ia morrer... mas melhorou, sarou...

ISADORA- Eu tive filhos também... um menino... belo como um jovem deus. E uma pequena ninfa... O carro... no Sena... a água verde do rio tragou o carro... Deirdre... Patrick... Ausência... Morte... Nunca mais...

Oswald faz um carinho em Isadora e ela retorna à realidade.

OSWALD- Você pode salvar Landa Kosbach. Fazer ela se realizar como você. (sedutor) Sacerdotisa, mar, montanha... céu... liberdade!

ISADORA- (ri, olhando firme para ele) Você não sabe do que está falando. A arte é antes de tudo o ritmo da natureza, o movimento das ondas, do vento, das nuvens, de tudo o que vive à nossa volta. (enquanto fala, Isadora começa a dançar a música das próprias palavras) E aí que se deve primeiro buscar as formas mais belas, para depois encontrar aquilo que traduza mais fielmente a alma dessas formas... A relação entre a tormenta e a paixão, entre a brisa e a doçura, entre o corpo e o universo... O acordo perfeito, o delírio inconsciente. A arte não é exercícios, nem mecânica. Já viu alguém, na vida real, andar na ponta dos pés? Ou levantar a perna mais alto que a cabeça? Por que exigem essas posições de um bailarino? A tua Landa é uma boneca morta do passado.

OSWALD- E ela que eu amo.

Isadora para de dançar junto de Oswald. Pega o rosto dele e olha firme nos seus olhos.

ISADORA- Ama?...

OSWALD- (hesita) Não sei... Não sei mais.

Os dois se olham longamente, intensos.

Isadora levanta a taça num brinde.

ISADORA- Descanse em paz, Landa Kosbach!

Oswald hesita, mas brinda, um tanto triste.

OSWALD- Choraí por ela! (bebe)

ISADORA- (segurando o rosto de Oswald, olhando de perto nos olhos) Nós vamos ser como duas crianças. Vamos andar por esta cidade inteira. De carro. Vou gastar o meu dinheiro inteiro em vinho. Niersteiner, que tem gosto de violetas. O sol queimado, as árvores, o vento, a tempestade... Adeus!

Isadora sai.

O vento sopra, explode um raio.

E ressoam, junto, os versos do Relógio, ditos por muitas vozes:

As coisas são  
As coisas vêm  
As coisas vão  
As coisas  
Vão e vêm  
Não em vão  
As horas  
Vêm e vão  
Não em vão

Em cima dos versos, Oswald fala:

OSWALD- (grita, chamando) Kamiá! (tempo)

Quem atende o chamado são Oswald 1 e 3. Eles entram já falando e se colocam ao lado do Oswald 2 que fez a cena toda.

OSWALD 1- Kamiá não é mais Paris...

OSWALD 2- Kamiá afável, prestimosa...

OSWALD 3- Kamiá, uma inexistência...

OSWALD 1- Kamiá livre, disponível... cercada dos colegas jornalistas corvejando em volta da francesa...

Tempo, Oswald 2 (o que fez toda a cena com Isadora) despenca no chão.

OSWALD 2- Sinto-me só, perdido numa imensa noite de orfandade. A amada que me deu a vida partiu sem me dizer adeus.

A francesa que trouxe de Paris veio buscar o dinheiro para outro homem.

Lenda, que foi o primeiro sonho vivo que me ofuscou,

tornou-se a estátua de sal da lenda bíblica. Olhou para o passado.

Isadora Duncan estrondou como um raio e passou.

Entram Kamiá e Daisy, lado a lado. Param diante de Oswald 3.

KAMIA- Você me chamou?

OSWALD 1- Agora é tarde...

Kamiá sai. Oswald 3 e Daisy se olham instantaneamente fascinados.

Tempo. Oswald 3 estende a mão para ela. Apresenta-se.

OSWALD 3- Oswald de Andrade.

Daisy aperta a mão de Oswald, apresenta-se.

DAISY- Daisy.

OSWALD 3- Daisy?...

DAISY- Maria de Lourdes Pontes de Castro - Daisy.

OSWALD 3- (agressivamente sedutor) Você é magra demais. E essa mecha não te cai bem.

Ao falar, ele bate de leve na mecha de cabelos que Daisy tem sobre a testa. Ela não recua, desafiante, arranja o cabelo.

OSWALD 3- Quer fazer amor comigo?

DAISY- (simples) Sim. (tempo) Mas sem premeditação. Quando nos encontrarmos um dia.

OSWALD 3- O que é que você acha dos homens?

DAISY- Uns canalhas!

OSWALD 3- E as mulheres?

DAISY- Também.

Os tres Oswalds riem, deliciados.

Daisy sai.

Oswald 1 e Oswald 2 agarram Oswald 3 pelo braço.

(A partir daqui os tres Oswalds serão assim designados:

Oswald 1- Oswald / Oswald 2- Garoa / Oswald 3- João Miramar)

OSWALD - Vamos.

MIRAMAR- Pra onde?

GAROA- Alugar uma garçonniere...  
 OSWALD- Um covil.  
 GAROA- O Conservatório.  
 OSWALD- A Academia.  
 GAROA- O retiro para...  
 OSWALD- ... o perfeito cozinheiro das almas deste mundo.  
 MIRAMAR- Quem?  
 GAROA- Nós!  
 OSWALD- (mão no peito, indicando a si mesmo) Oswald de Andrade.  
 GAROA- (idem) Garoa.  
 OSWALD- E...? (indica Oswald 2)  
 MIRAMAR- Eu?... (hesita) João... Miramar??...

Entra Pedro com um grande livro nas mãos, lendo alto, alegre.

PEDRO- Para os que precisam mitigar o grande mal de ter vivido muito, para os que sentem na ruína dos sentimentos mortos, o desencanto doentio das coisas e dos homens...  
 MIRAMAR- (contente) Pedro!...  
 PEDRO- ... pratos com muito sal, os anti-pastos fortes, as salitradas fatias de bom-humor, que dão sede para beber. Muito de arte entrará nestes temperos, arte e paradoxo se misturando para formar, no ambiente colorido e musical deste retiro, o cardápio perfeito para o banquete da vida.

Atrás de Pedro, em clima de festa, entram Viruta e Leo Vaz trazendo a phonola, Ferrignac com uma pilha de discos, Viviano, Vicente Rao e Guy com duas garrafas de champagne e taças nas mãos suficientes para todos.

Miramar vai até a phonola e coloca o disco: música.  
 Os outros servem a bebida.

MIRAMAR- A arte é tudo mas a vida nada.  
 OSWALD- Nasci para fazer a grande arte...  
 GAROA- ... mas acabei fazendo a pequena.  
 VIRUTA- Quando é que a gente poderá fazer a arte?  
 PEDRO- Depois que fizer a vida.  
 OSWALD- Mas a arte é tão longa....  
 GAROA- ...e a vida é tão curta.

Os amigos todos levantam as taças num brinde.  
 E falam em rápida sequência, inspirados e animados.

PEDRO- Viva a religião da Amizade!  
 FERRIGNAC- Viva a Arte!  
 LEO VAZ- Viva a Guerra!  
 VIRUTA- A paz!  
 RAO- O champagne!  
 VIVIANO- Viva o Amor!  
 MIRAMAR- Viva a Mulher!

Concordam todos. E bebem.

VIVIANO- Mas a mulher de trinta anos.  
 LEO- Trinta?!  
 VIVIANO- É a única idade interessante! Uma mulher de 18 anos é mais maçante que um mormão!

Protestos risonhos.

MIRAMAR- Pois fiquem vocês sabendo que uma mulher de 18 anos é a própria razão de ser desta garçonniere.

Todos se manifestam ruidosos, curiosos.

VIVIANO- Não sendo outra bailarina!... (risos gerais)

MIRAMAR- Não. É uma estudante da Escola Normal. Um vento novo na minha vida, mais que um vento, uma tempestade, um tufão!

LEO- E onde é que está esse ciclone?

Todos riem do "ciclone" acentuado na primeira sílaba.

LEO- Quem é ela?

MIRAMAR- Daisy.

GUI- Um ciclone! (mais risos)

RAO- (levantando a taça) A Miss Ciclone!

Todos brindam e bebem, ruidosos, falando ao mesmo tempo, em pequenos grupos.

PEDRO- (para Miramar) Engraçado. Em torno da mulher, os homens formam duas correntes opostas: uns materializam a mulher, cultivando a sua carne e abafando a alma. Os outros espiritualizam demais, enchendo a coitada de complicações psíquicas.

GAROA- Não, não! Toda psicologia complicada da mulher é ilusão de ótica...

MIRAMAR- Elas dão valor demais pra coisas mínimas.

OSWALD- E com isso nos contrariam.

GAROA- E às vezes nos assombram.

MIRAMAR- Para as coisas realmente grandes dão valor mínimo.

OSWALD- E por isso nos perdem.

PEDRO- A mulher é a costela de Adão, o sopro de Deus e a saudade da Serpente.

MIRAMAR- Ou a saudade de Deus, o sopro de Adão e a costela da serpente.

VIRUTA- E preferível ser pente a ser mulher!

Risos gerais. O champanhe circula.

PEDRO- O fogo da mulher amada não queima, ilumina.

VIRUTA- Amo as mulheres quando elas parecem com rosas; amo as rosas quando elas parecem com as mulheres; amo ambas quando parecem com o meu sonho...

Grandes risos, aplausos e vaias.

Daisy entra. Os risos cessam.

DAISY- Ri devagar.

Os homens silenciam e abrem a roda.

Ela examina todos, altiva e arrogante no meio só de homens.

OSWALD- (apartado do grupo, para si mesmo) Salve, deusa ligeira! Salve, musa de tradição, agulha do meu disco emotivo,

phonola da minha garçonniere sentimental! Salve  
Toda-Poderosa!

Daisy não registra. Avança para Pedro, sedutora, pega a taça da mão dele e bebe tudo de um gole. Entrega a taça para Miramar. Dança o tango com Pedro. Os "gravatas pretas" em torno assistem. Ela larga Pedro e passa para os braços de Viviano. Pedro sai. Ela dança com Viviano, larga dele e passa para os braços de Viruta. Viviano sai. E assim, de um por um, até dançar com Miramar. Sairam todos, menos Oswald e Garoa que assistem. Daisy e Miramar caem deitados no sofá. O tango desafina na phonola: a corda se acabou.

DAISY- (sussurrando no ouvido de Miramar) Eu trago todos os bens comigo...

Música.

Miramar despe Daisy enquanto ela o despe entre beijos e abraços, num jogo amoroso selvagem que se transforma aos poucos numa grande trepada.

Garoa senta-se no chão, um tanto apartado e assiste de longe.

Oswald senta-se ao lado deles, acariciando às vezes Daisy, às vezes Miramar que trepam ardorosamente.

OSWALD- Com mão sutil minha loucura teces e me envolves em malhas tão estreitas que, ao mesmo tempo, odeio e as mãos eleitas beijo, com que a desgraça me ofereces. O atro licor que em minha taça deitas sai conter tenebrosas e refeceras paixões, e enganos... Mais, porém, me dessas, mais bebera.

Sem interromper a trepada dela com Miramar, Oswald pega a mão de Daisy e beija.

OSWALD- Mão real de unhas perfeitas! Dizem-me em vão que isto enlouquece e mata e que o teu beijo acaba os mal-feridos do teu olhar à lamina de prata: podem clamar, que eu cerro os meus ouvidos, e hei de beber-lhe o absinto de escarlata até o delirium-tremens dos sentidos!

O orgasmo dos dois coincide com o último verso.

Oswald se levanta e afasta-se, mãos nos bolsos, cabeça baixa, de costas para o sofá, tristonho.

Garoa se levanta e aproxima-se deles, enquanto Miramar se deita ao lado de Daisy e dorme.

Daisy se levanta. Olha o amante dormindo, sorri.

Pega as roupas espalhadas pelo chão.

Olha Miramar dormindo e sorri. Atira um beijo.

DAISY- Dorme, meu Miramar, o sono da inocência...

GAROA- E sonha com você...

Daisy não registra e sai levando as roupas.

OSWALD- (nervoso, agitado) Chego ainda a tempo de ver a Ciclone subindo ligeira o estribo de um bonde e mergulhar nesse abismo brumoso que faz supor, para lá, no bastidor de crime das vielas, a existência de um romance em que ela insiste.

Com uma timidez de menino, murmurei entre os dentes um "bom dia" idiota. Ela nem sorriu, nem olhou. Partiu...

GAROA- Pela primeira vez, percebi uma coisa séria: ela me faz falta.

OSWALD- (chamando, enérgico) Mirabismo!

Miramar desperta, sobressaltado. Olha para Oswald.

MIRAMAR- Ahn?

OSWALD- Ciclone não veio.

Miramar levanta-se, veste-se. Garoa vai até a phonola.

OSWALD- O covil deserto sem a Ciclone.

GAROA- Eu preferia a Ciclone sem o covil.

Ele derruba o disco que se quebra. Os tres se reúnem em torno. Garoa pega o disco quebrado do chão.

GAROA- O primeiro disco quebrado....

OSWALD- E a "garçonnier" que vive... Quanto choque! Quanta aventura! Quanta vida! Ciclone, Ciclone, Ciclone!...

MIRAMAR- Há mais de um mês você não vem...

GAROA- Volta! Este covil sem a Ciclone é inutil como um gramofone sem discos.

Entra Ferrignac, os tres olham, assustados. Ele se explica.

FERRIGNAC-Venho do guarda comida. Que miséria! (declama) Na vastidão da segunda prateleira uma bojuda lata de manteiga dorme o seu sono de sebo, ao lado, uma altiva garrafa de mel açucarado chora saudades do tempo em que foi líquida. Para onde emigraram as andorinhas?

MIRAMAR- Ciclone está sequestrada. Não pode mais sair na rua sozinha.

FERRIGNAC-Que horror!

MIRAMAR- A tia Ziza proibiu.

OSWALD- Pelo menos, é o que ela diz...

FERRIGNAC-E o resto dos "gravatas pretas"?

Entram Viruta e Viviano, cheios de casacos, que retiram e amontoam no chão.

VIVIANO- Nós estamos aqui!

VIRUTA- Com uma belíssima garrafa de "Morgada".

GAROA- Volta, Ciclone, pinga da minha taverna sentimental!

LEO- (entra, sacudindo uma carta na mão) Ciclonadas! Mais ciclonadas! O Chupeta do elevador mandou entregar.

Miramar pega a carta e abre nervoso. Num plano mais alto do cenário, aparece Daisy que diz o texto da carta. Enquanto ela fala, entram Rao e Gui que escutam atentos, enquanto tiram os casacos que amontoam sobre os outros no chão.

DAISY- Miramar, imagino o quanto esperaste pela minha ida. Mas uma pleuro-congestão me deixou de cama. Tive um abcesso no seio que me obrigou a ir ao médico. Ontem fui com Ziza: ele rasgou, mas com tanta infelicidade que não conseguiu extrair

o lobulo infeccionado. Tive uma síncope no consultório. Enfim, espero que não seja nada. Te escrevo da cama. Como tens passado? Ferrignac, Viruta? enfim toda a clientela desse instituto? Aquele senhor esquisito está no Rio há 4 dias. Pedro chegou? Até terça-feira se Deus quiser; se passar bem, irei à aula, depois para o covil. Aprontem um almoço "a Trianon" que irei passar aí toda a tarde. Estou com febre. 38 e meio !! (não se assustem) Adeus. Recebe todo o coração da Ciclone. Saudades a Léo, Viviano, etc.... Ontem tive um ameaço de hemoptise: quasi morri. Adeus, Ziza vem vindo. Ciclone.

Daisy desaparece. Em torno de Miramar os amigos preocupados, consolam.

VIVIANO- Pobre do Miramar... tyr!  
 LEO- Miramar... ido frustrado.  
 VIRUTA- Miramar... melada com queijo!  
 FERRIGNAC- Miramargura....  
 RAO- Miramorto...  
 GUI- Mir...à...mar...gem.  
 MIRAMAR- Miramerda pra vocês. Que dia é hoje?  
 RAO- Terça feira!  
 LEO- É hoje!!

Agitam-se na arrumação da sala. Miramar terminando de se vestir. Viviano e Viruta providenciam os copos, servem a "Morgada". Todos bebem, Leo coloca um disco, ouve-se a música.

FERRIGNAC- Sobre a Ciclone pode-se dizer o que quiser: tudo será verdade...  
 VIRUTA- Porque ela é a Mentira...  
 GAROA- Ou a Verdade!  
 LEO- Temos de aceitar o vento como ele sopra, o tempo como ele vem e a Ciclone como ela é...  
 RAO- A Ciclone é o bem, porque é mulher.  
 GAROA- A Ciclone é o mal, porque é mulher!...  
 OSWALD- (baixo para si mesmo) A Ciclone é o bem e o mal...  
 DAISY- (entrando) A Ciclone é o grande vício desta vida....

Todos se reúnem em volta dela.

Miramar, Garoa e Oswald se afastam do grupo.

FERRIGNAC- Ciclone, voltaste! Sereis vós aquela com quem sonho?  
 DAISY- Oh! Ferrignac voltei! Sereis vós aquele com quem sonho?  
 MIRAMAR- (com ciúmes) Pelo que vejo, eu passo a ser o pesadelo de vocês dois.  
 VIRUTA- Toma.

Entrega a ela o copo de pinga. Ela bebe.

DAISY- E o Pedro não vem? Que coração de pedra!  
 GAROA- Coração de Pedro, coração de pedra, coração de padre.  
 MIRAMAR- Ele conseguiu o cargo que tanto queria. Foi nomeado delegado em Tatuí.  
 FERRIGNAC- Deve estourar por aqui, babão e cínico, como sempre.  
 PEDRO- (entrando) Trago rapadura de cidra e uma alma cheia de pinga com limão. Positivamente amanece na Vida.

Grandes festas e brindes para Pedro. A garrafa que ele traz circula pelo grupo, enchendo os copos. Rao pega o jornal que ele tem na mão e Leo o disco que ele trouxe e vai colocar na vitrola. Soa um violoncelo durante as falas seguintes. Rao se senta e lê o jornal. Daisy abraça e beija Pedro, no rosto, Miramar vira as costas, enciumado e bebe.

PEDRO- Miss Ciclone, sozinha, basta para encher um ambiente intelectual de homens do quanto ele precisa de feminino. Penetro neste asilo de músicos cegos e vejo Miramar, iludido pelas virtudes do limão (ou da pinga), na vida intensa de sempre.

Vai abraçar Miramar, que ri e esquece os ciúmes.

PEDRO- E assim que se vive: que não nos queime o sol, nem nos assuste a noite. E os elementos da vida se misturem, para formar a harmonia das meias tintas, das meias luzes e dos risos devagar.

DAISY- Em vez de meias luzes, eu prefiro as meias de seda.

Risos.

VIVIANO- A vida é como o disco comprado pelo Pedro: bem intencionada e mal compreendida.

MIRAMAR- ... mal tocada, quer você dizer.

PEDRO- O meu disco é uma péssima música tocada por um grande artista; o amor, a maior parte das vezes, é uma grande música, tocada por um péssimo artista.

MIRAMAR- Se isso é piada comigo, fique sabendo que já toquei a Patética de Beethoven numa sanfona.

GARDA- E eu já executei Wagner no pente.

VIRUTA- De quem?

Risos gerais.

PEDRO- Não vamos fazer piada, eu parto para Tatui. Nesta orquestra de cegos, eu sou o violoncelo: falo como gente.

MIRAMAR- Ciclone é a batuta invisível.

PEDRO- Para uma orquestra de cegos, só uma batuta invisível: se desafinamos, a culpa é dela.

FERRIGNAC- (irônico, declamando) No grande cenário de um dia depois do outro, se resolvem juntos o coração e a cabeça.

VIVIANO- (irônico) Que grande alma, o Miramar!

VIRUTA- (irônico) Que encanto a Daisy!

LEO- (irônico) Que paradoxo, o Pedro!

GUI- (irônico) Como os três são bons! Como os três se querem!

PEDRO- (irônico consigo mesmo) Acima de tudo, sejamos leais, prudentes e sensíveis.

MIRAMAR- Ciclone, você fica insensível diante disso?

DAISY- Fico imprudente e desleal.

MIRAMAR- Que prudente lealdade!

PEDRO- Vou me embora...

VIVIANO- Vai, Pedro. Uma retirada em amor equivale a uma vitória, já dizia Napoleão

GUI- Pedro parte, minha gente.

FERRIGNAC-(declamando) A esta hora apita o trem que o vai mergulhar em Ituparipiranga ou coisa parecida.  
 RAO- Ventos aliseos o levem, mas fiquem os ciclônicos.  
 PEDRO- Adeus, minha castelã com esses canteiros de violetas em torno dos olhos e as mãos reais de unhas perfeitas.  
 RAO- Vamos, Miramar.  
 MIRAMAR- Não vou a bota-fora pra provar amizade. Eu não boto fora os amigos.

Os amigos se despedem.

Miramar e Daisy ficam sozinhos. Ela abraça Miramar, deita a cabeça no ombro dele, subitamente deprimida. Ele continua com as mãos enfiadas nos bolsos, não abraça Daisy.

DAISY- O que será que eu tenho em mim? uma ansiedade má que me tortura um pouco... Sinto a premeditação que a alma tem para a desgraça! Que será que eu tenho em mim? ... A medalha me mostra o reverso...

Triste com a frieza de Miramar, ela se afasta.

MIRAMAR- Daisy, eu não quero mais que uma palavra sua, uma palavra. Eu perdoo se você me disser. Não tem nada pior que a incerteza.

Ele se afasta e pára ao lado de Oswald e Garoa. Vira-se para ela.

MIRAMAR- Fale! Você tem um amante?  
 DAISY- (baixa a cabeça) Tenho.  
 MIRAMAR- Quem é? (tempo. Daisy fuma) Conte.  
 DAISY- Um conhecido.  
 MIRAMAR- Aquele homem do Brás? (tempo) E ele?

Daisy faz que não com a cabeça. Chora mansamente.

MIRAMAR- Quem é?  
 DAISY- Um rapaz.  
 MIRAMAR- Quem?  
 DAISY- Não sei. Só sei que conversa muito bem. Dança muito bem.  
 MIRAMAR- Onde é que vocês se encontraram?  
 DAISY- Na rua.  
 MIRAMAR- Você que foi procurar? Como foi? Como? Por que? Não te basto eu?

Ela não responde. Desabotoa o vestido e tira. Fica de combinação. Miramar vai até ela. Garoa tenta detê-lo pelo braço. Ele se desvencilha e vai. Deita-se ao lado dela. Daisy não se mexe.

MIRAMAR- Como é que você se entregou?  
 DAISY- Ia passando. Ele estava na janela, me fez entrar. (tempo)  
 MIRAMAR- E depois?  
 DAISY- Foi me mostrar o quarto. Sentamos na cama. Para conversar... Deitamos...  
 MIRAMAR- Foi pra mostrar a combinação nova que você se entregou?

A mão dele, pausa, independente dele mesmo, sobre o peito dela e acaricia. Ela se deixa acariciar e o acaricia também, passivamente. De

repente, violento, ele agarra os seios dela. Ela geme, fugindo. Ele agarra o pescoço dela, montado em cima dela.

MIRAMAR- Me pede perdão! Pede perdão!

Ele sacode Daisy, com brutalidade e tesão. Ela chora e para de se debater. Abandona-se.

DAISY- Perdão...

Ele arranca a combinação dela com violência, abaixa as próprias calças e, semi-vestido, possui Daisy como um animal. A luz se apaga sobre eles. Oswald e Garoa isolados num único foco.

OSWALD- Numa manhã dourada da cidade, passo por ela num acaso. Ela não me vê. E eu vou atrás, seguindo, sem saber por que! Ela para na porta de uma das casas amarelas e iguais. Esbarra num moço que vem saindo. Entra sem olhar para trás. Pergunto ao moço quem mora ali. (tempo) É uma pensão de rapazes. (Oswald se perturba mais profundamente) Daisy é visgo puro. Não tenho coragem de romper. Ela não explica nada. Eu não pergunto. Ela não fala. Então me diz que está grávida...

Subitamente, o palco se inunda de uma luz branca e brutal. Miramar e Daisy isolados no centro do grande espaço inteiramente vazio.

DAISY- Seria tão bom ter um filho seu...

MIRAMAR- Tem certeza que é meu?

DAISY- (violenta) De quem pode ser? (mais branda) Deixa ele viver...

MIRAMAR- Não. (tempo) Não custa nada. Conheço uma parteira alemã que faz isso.

DAISY- (chorando secamente) Não quero...

MIRAMAR- (hesitante) Não quer?...

DAISY- (abraçando Miramar e chorando em seu peito) Não sei...

Música dissonante e violenta.

Entra a parteira, vestida de cinza, lenço na cabeça, máscara cirúrgica cinzenta, calçando as luvas de borracha fina.

Daisy se sobressalta e recua. Miramar dá um passo na direção dela.

Daisy evita o contato, vira-se de costas para ele. A parteira espera ao lado.

Daisy se volta. Avança até Miramar, toca o seu rosto, carinhosa e com raiva ao mesmo tempo. Olha para a parteira que vai saindo. Daisy segue atrás. Antes de sair, pára e olha para Miramar. Ele baixa a cabeça, confuso. A parteira espera.

Daisy olha para Oswald e sai. A parteira sai atrás.

Miramar corre para a saída. Olha para fora um breve tempo. Vem até Oswald e pára do lado dele.

OSWALD- (lento, muito perturbado) O sobrenatural dentro de nós. Por que é que existe em mim alguma coisa que sempre crê, que sempre espera? Uma coisa que não é o meu corpo, uma centelha íntima que tem vida à parte. ... Se Deus existe... este enigma de mundo! A vida com Deus é hipócrita, sem Deus é cínica.

Entra uma freira empurrando uma cama hospitalar, de rodinhas. Daisy deitada entre os lençóis brancos, as mãos cruzadas sobre o seio. Oswald avança até ela. A freira coloca o dedo nos lábios em sinal de silêncio.

Daisy abre os olhos, estende a mão para Oswald. Ele pega a mão dela e ajoelha-se ao lado da cama, solícito e triste.

DAISY- (sorri e fala mansamente, quase sem voz) Eu não queria morrer... Oswald, meu Miramar, que castigo!

A freira faz o sinal da cruz e reza.

IRMA- Vas spiritualis! Rosa mystica! Turris Eburnea! Domus Aurea! Foederis Arca! Janua Coeli! Janua Coeli!

OSWALD- Perdão! Daisy. Minha alma, me perdoa!

A freira pega Oswald pelo ombro, tentando afastá-lo.

OSWALD- Eu quero que ela me perdoe!

IRMA- Não, meu filho. Jesus perdoou tudo, basta!

Oswald enfia o rosto nos lençóis. Daisy acaricia seus cabelos, sem forças.

DAISY- Que pena!... Tanta vida, bem vivida, se acabou...

Daisy morre. A freira fecha seus olhos. Oswald levanta-se. Música.

Entram os "gravatas pretas", cada um com um buquê de flores. Cobrem o corpo de Daisy com as flores e o levantam da cama com o lençol e as flores. A freira sai, empurrando a cama.

Oswald fica só.

Enquanto os "gravatas pretas" levam o corpo de Daisy em cortejo fúnebre.

Oswald despenca para o chão, enquanto o cortejo continua saindo.

Uma voz gravada diz:

VOZ- Falleceu hontem, nesta Capital, a exma. sra. D. Maria de Lourdes Castro de Andrade, ha dias casada com o nosso distincto collega de Imprensa e ex-companheiro de redacção, bacharelando Oswald de Andrade. A extinta contava apenas 19 annos de idade, teve aggravado o seu estado de saude, e apesar de todos os cuidados medicos veio a fallecer logo depois do matrimonio realizado "in extremis". Ao seu enterro que sahio hontem mesmo às quinze horas da rua 13 de maio n. 207, para a necropole da Consolação, compareceu grande numero de pessoas, entre as quaes seus professores e colegas da Escola Normal. Dentre as coroas depositadas sobre o feretro, notamos as que traziam as seguintes dedicatorias: A Dasy, o teu pobre Oswald.

Oswald fala sobre a voz gravada que continua com a notícia.

OSWALD- Sinto-me só, perdido numa imensa noite de orfandade. A amada que me deu a vida partiu

VOZ- A querida filha, a bençã de José e Guilhermina. A querida neta, o ultimo beijo

sem me dizer adeus.  
 A francesa que trouxe de Paris  
 veio buscar o dinheiro para outro  
 homem.  
 Landa, que foi o primeiro sonho  
 vivo que me ofuscou, tornou-se a  
 estátua de sal da lenda bíblica.  
 Olhou para o passado.  
 Isadora Duncan estrondou como um  
 raio e passou.  
 A que encontrei, enfim, para ser  
 toda minha, meu ciúme matou...  
 Estou só e a vida vai custar a reflorir. Estou só.

da vovó. A Dasy, saudades de  
 Ferrignac e Edmundo. Saudades  
 de Monteiro Lobato e senhora.  
 A boa Dasyinha, homenagem das  
 colegas do 4o. anno B.  
 A boa amiguinha Dasy, saudades  
 de Cornelio Procopio.  
 A Dasy, saudades de Vicente Rao.  
 Ultimo adeus de Dadá.  
 A boa prima, Marcos e familia.

Ele acaba de despencar e adormece, deitado no chão.  
 Ouvem-se sinos de igreja, tristes.  
 As luzes mudam.  
 Entram quatro figuras misteriosas: um trapo sem cor escondendo o sexo,  
 a cabeça enrolada num trapo, o corpo nu. Trazem um estrado, que  
 colocam no centro.  
 Entra Garoa, uma tanga de flores escondendo o sexo, que "conduz de  
 costas o cortejo" trazendo o "cadáver (de Daisy) nu, de cabelos atados  
 numa toalha, cautelosamente, tomando-a pelas axilas, e um diabo,  
 ossudo, leva as pernas geladas para sempre." Colocam "no estrado de  
 pau, inerte e dura, murcho o ventre acima do triângulo negro e  
 simbólico. Depois, começam a crucifixão." O diabo pega o braço dela e  
 entrega a Garoa. Garoa luta com o braço rígido até conseguir colocá-lo  
 aberto no tablado. O diabo tira do cinto o martelo e grandes pregos.  
 Joga os pregos no chão, com ruído metálico. Começa a bater o prego na  
 mão de Daisy.

DIABO- (resmungando) A libido é tudo! A libido é tudo!

Enquanto ele bate o prego, Garoa se encarrega do outro braço, que  
 resiste também, rígido, a ser colocado na posição da cruz.  
 O diabo terminou de bater o primeiro prego e vem pregar o outro braço.  
 Coloca o prego na palma e martela mecanicamente.

DIABO- (resmungando) E preciso mártires. Mártires...

Garoa coloca as rígidas pernas de Daisy na posição da crucifixão, um  
 pé sobre o outro. O diabo vem com o martelo e o prego, ficam os dois  
 de costas para a platéia enquanto ele prega o prego dos pés.  
 Durante todo o tempo da crucifixão as criaturas que trouxeram o  
 estrado se movimentam pelo espaço, brigando entre si, disputando o  
 espaço.  
 Quando o diabo termina de bater o prego, ele e Garoa se voltam, estão  
 cheios de sangue pelo corpo.  
 Garoa vai se ajoelhar ao lado de Oswald, que dorme agitado.

GAROA- (sussurrado para Oswald) Sangue frio!

Com ruídos sem nexos, o diabo chama as criaturas. Elas se aproximam e  
 junto com o diabo levantam o estrado na posição vertical.  
 Daisy está crucificada, nua, sem nem uma gota de sangue nas feridas  
 dos pregos. Depois de um momento sua cabeça pende, molemente, para o  
 peito.

Com o grande ruído do estrado ao ser colocado de pé, entra "um esplêndido homem inteiramente nu, coroado de folhas."

E Miramar.

O diabo e as criaturas saem correndo, com medo.

Ele vai até o corpo de Daisy crucificado, abre os braços e carinhosamente poussa a cabeça sobre seu ventre. Depois, caminha lentamente até Oswald, sobe em cima do peito dele, fica de cócoras e diz, feroz:

MIRAMAR- Arran... caram... o co... razão...

Oswald levanta-se subitamente, derrubando Miramar que rola no chão até sair de cena. Garoa sai também, rapidamente.

OSWALD- (grita, chamando) Pai!

Um guincho agudo e muito alto prolonga o seu grito. A figura do Pai, surge ao longe, numa ilha de luz, no seu terno preto, chapéu côco, guarda-chuva. Enquanto Oswald fala, num gesto lentíssimo ele acena adeus para Oswald.

OSWALD- Pai, te arrancaram o coração... Do amor, da vida e da morte vou tendo por altos e baixos, uma noção mais realista e exata. Da morte, tenho notícia mais cedo.

A figura da Morte, capa preta cobrindo todo o corpo, a clássica foice na mão, surge ao lado do Pai. Ela poussa a mão com a foice no ombro dele e com a outra aponta uma direção. O Pai dá uma última olhada para Oswald e sai da luz, lentamente. A Morte ocupa a ilha de luz.

OSWALD- (lento e pesado) Está findo o lar de dona Inês. A morte ronda a minha vida. (tempo)

GAROA- (entrando rápido) A morte é futurista!

Música: Villa Lobos.

A Morte arranca a capa e atira longe a foice. E uma grande negra, nua. Senta-se como no quadro A Negra de Tarsila: é a Obra, que presidirá, imóvel, toda a cena seguinte.

OSWALD- Ahn?

MIRAMAR- (entrando rápido) A morte é futurista!

OSWALD- Estou só.

GAROA- Está rico...

MIRAMAR- E livre!

OSWALD- Estou só!!

O vento sopra muito forte.

Entram Anita Malfatti, Mário de Andrade, Viruta e todos os demais atores com os figurinos dos últimos personagens que fizeram.

Envolvem Oswald num turbilhão, levando junto com eles Garoa e Miramar. Os versos do poema Relógio ressoam graves, junto com o vento, como um trovão.

De repente, tudo se imobiliza e do fundo avança Tarsila, com uma capa escarlate, forrada de cetim branco, um chapéu de vidrilhos, grande e negro, até parar na frente de Oswald.

OSWALD- Eu fui o maior onanista de meu tempo

Todas as mulheres  
 Dormiram em minha cama...  
 Hoje cresci  
 As mulheres fugiram  
 Mas tu vieste  
 Trazendo-me todas no teu corpo.

O turbilhão se reanima, se agita, saem todos, menos Anita, Mário e Viruta que se aproximam de Oswald e Tarsila.

Ao longo da cena, Oswald olha fixamente Tarsila, como se quizesse hipnotizá-la, sempre fascinante. Todos percebem e se divertem com isso, mas conversam de outras coisas, disfarçando.

ANITA- (para Oswald) Tarsila é paulista, inteligente, pintora e vem de Paris.  
 OSWALD- Pintora?  
 TARSILA- Uma caipira que vive em Paris.  
 OSWALD- Caipirinha vestida por Poiré...  
 TARSILA- E que ainda não é cubista, nem futurista, nem moderna.  
 OSWALD- A preguiça paulista reside nos teus olhos.  
 MARIO- Pois há de ficar moderna no Brasil!  
 TARSILA- Talvez... Em Paris a arte moderna está vencendo aos poucos.  
 ANITA- Eu estou voltando para o que me alegra a alma: as coisas muito modernas.  
 MARIO- Mas que apesar da Semana de Arte Moderna, ainda não são aceitas por aqui. Gostam é da pintura fotográfica, que "só falta falar". (risos)  
 OSWALD- (mudando de tática, girando em torno de Tarsila) Quando o artista é, na verdade, um ser privilegiado que inventa um mundo supraterrâneo, antifotográfico, irreal, que brota de uma faísca divina.  
 VIRUTA- Mas isso é idéia do Mário, Oswald!  
 MARIO- E!  
 VIRUTA- (para Tarsila) O Oswald tem a mania de falar coisas dos outros como se fosse dele.  
 OSWALD- Bom... Eu menti, pronto. (risos de todos)  
 ANITA- O Oswald é assim mesmo, Tarsila! Está sempre divinizando a mulher que quer seduzir.  
 TARSILA- Quem?  
 ANITA- Você, ora!!  
 TARSILA- E engraçado.  
 OSWALD- Eu engraçado?  
 VIRUTA- O Oswald é capaz de usar uma gravata berrante só porque é novidade, pra se exhibir, nem que seja pra jogar fora no dia seguinte.  
 MARIO- Pois eu acho que o Oswald acredita no que faz. Age com alma, com vida!  
 OSWALD- Obrigado, Mário.  
 MARIO- E sai farsa.

Todos riem, caçoando de Oswald, mas ele gosta de ser o centro das atenções, principalmente de Tarsila, sensível todo o tempo à sedução.

MARIO- Mas ele se diverte também. Já faz tempo que eu acho que Oswald é o melhor espectador de si mesmo. (risos)  
 OSWALD- (ofendido e divertido) Muito obrigado.  
 VIRUTA- Ele não lê nada.

OSWALD- Mentira!

MARIO- Quando muito uns tres, quatro livros.

OSWALD- Tres. (risos)

VIRUTA- Mas basta escutar uma boa conversa ou um comentário bem feito e já fala do assunto como se tivesse estudado muito.

OSWALD- E porque eu sou um gênio! (risos)

MARIO- Um gênio, não. In-gênuo! Se lembra do almoço?

OSWALD- O almoço!

VIRUTA- (para Tarsila) Você não sabe, mas nosso amigo aqui (indica Oswald) é riquíssimo!

MARIO- Herdou do pai uma vastidão de terrenos na Vila Cerqueira César.

VIRUTA- Pois vendeu alguns por uma fortuna e resolveu comemorar. Almoçamos faisão, com o melhor vinho estrangeiro. Quando veio a dolorosa...

MARIO- Pesada, pesadíssima!

VIRUTA- ... eu perguntei: "Por quanto que você vendeu os terrenos?"

OSWALD- (relembrando) Dez mil réis o metro quadrado!

VIRUTA- "Pois a esse preço acabamos de comer 10 metros quadrados de terrenos em Cerqueira César!"

OSWALD- Cento e oitenta mil réis!!

MARIO- (rindo) A digestão dela não durou muito!

VIRUTA- Acabou vomitando todo o faisão e o vinho! (risos)

ANITA- Que coisa horrível!

MARIO- Horrível!

VIRUTA- Mas ele não aprendeu, não! Vendeu mais terrenos e comprou uma cadillac verde.

MARIO- Só porque tinha cinzeiro dentro!

OSWALD- De onde se conclui que eu sou um gênio-ingênuo!

Risos de todos.

VIRUTA- Somos todos gênios!

MARIO- Na cadillac mansa e verde da ilusão,  
passa o Oswald de Andrade  
mariscando gênios entre a multidão...

ANITA- (animada) Vamos fugir pela noite, na cadillac verde do Oswald!

MARIO- Vamos ler pra Tarsila as nossas obras primas!

ANITA- Em Santos! (vai saindo)

MARIO- No Alto da Serra! (vai saindo)

VIRUTA- Na Ilha das Palmas! (vai saindo)

Oswald e Tarsila sozinhos, frente a frente.

OSWALD- Caipirinha vestida por Poiret  
A preguiça paulista reside nos teus olhos...  
Sob a poeira vermelha  
Arranha-céus  
Fords  
Viadutos  
Um cheiro de café  
No silêncio emoldurado.

Ele avança o rosto para beijá-la. Ela vira o rosto.

TARSILA- Eu não posso... Eu sou... eu fui casada.

OSWALD- Eu também.  
 TARSILA- Tenho uma filha.  
 OSWALD- Eu também. Um filho.  
 TARSILA- (sorri) Vou voltar pra Paris.  
 OSWALD- Eu também.

Ela se rende e ri alto. Beijam-se.  
 As luzes se apagam devagar, apenas a figura d'A Negra domina, iluminada.

VOZ GRAVADA- Senhoras e senhores, o ilustríssimo doutor Machado Penumbra.

Acende-se um foco. Garoa entra na luz.

GAROA- (pomposo, em tom de discurso antigo) João Miramar abandona momentaneamente o periodismo para fazer a sua entrada de homem moderno na espinhosa carreira das letras. E apresenta-se como o produto improvisado e portanto imprevisto e quicá chocante para muitos, de uma época insofismável de transição. Pena é que os espíritos curtos e provincianos se vejam embaraçados no decifrar do estilo em que está escrito o tão atilado quão mordaz ensaio satírico que se chama... Memórias Sentimentais de João Miramar.

Ele aplaude Miramar que vem entrando no foco. Garoa sai.

MIRAMAR- O Pão de Açúcar era um teorema geométrico. No dia seguinte e outros o litoral do Brasil olhou calvas serranias patriotas.

Abaixo da figura d'A Negra que ainda preside a cena, acende-se um corredor de luz. Tarsila num extremo do palco, Oswald no outro, avançam lentamente um para o outro enquanto Miramar narra sua viagem.

TARSILA- Embelezaste minha tristeza.  
 MIRAMAR- A costa brasileira depois de um pulo de farol sumiu como um peixe. O mar era um oleado azul.  
 OSWALD- Recebi seu telegrama a bordo: que carta tão longa em tres palavras!....  
 MIRAMAR- A vida de bordo pôs rouge para proximidades de Barcelona. Empalada na límpida manhã a Alemanha era uma litografia gutural. O alpinista de alpenstock desceu nos Alpes.  
 TARSILA- Horrível Paris sem ti.  
 MIRAMAR- Picadilly fazia fluxo e refluxo de chapéus altos levando ingleses duros.  
 OSWALD- Mundo horrível sem ti.  
 MIRAMAR- Como perdêssemos as luzes inglesas achamos as luzes de França no mar. E tardes seguiram arcos da Rue de Tivoli até a espada longe da Torre Eiffel.

Oswald e Tarsila se encontram e se abraçam.

TARSILA- Temos de ser discretos. Meu casamento ainda não foi anulado.  
 OSWALD- Não tem importância. Eu sou viúvo.

Os dois riem. Apaga-se a luz deles.  
 Garoa entra no foco de Miramar.

GAROA- Com que então o ilustre homem pátrio de letras não prossegue suas interessantíssimas memórias?

MIRAMAR- Não.

GAROA- Seria permitido ao grosso público leitor não ignorar as razões ocultas da grave decisão que prejudica assim a nossa nascente literatura?

MIRAMAR- Razões de estado. Sou viúvo.

GAROA- Daí?

MIRAMAR- Os viúvos devem ser circunspectos. Depois dos trinta e três anos, nossa atividade sentimental não pode ser escandalosa, no risco de vir a servir de exemplo pernicioso às pessoas idosas.

GAROA- A crítica vai acusá-lo e a posteridade clamar porque não continuou tão rico monumento da língua e da vida brasileira no começo esportivo do século 20.

Apaga-se o foco de Garoa e Miramar.  
Acende-se outro foco, em outro ponto do palco.  
Entram na luz Viruta e Mário.

VIRUTA- Tem sabido do Oswald?

MÁRIO- Continua em Paris.

VIRUTA- Parece que fez uma conferência na Sorbonne...

MÁRIO- E falou de nós!! Não é engraçadíssimo?

VIRUTA- E será que terminou o livro?

MÁRIO- Está com o romance pronto: "Memórias de João Miramar". Interessantíssimo, exageradamente moderno.

VIRUTA- Morro de curiosidade!

Viruta sai, Mário fica no foco.  
Anita Malfatti surge num foco em outro ponto do palco.  
Tarsila e Oswald entram na luz d'A Negra, colocam-se ao lado da Obra.

OSWALD- Mário, matei João Miramar que agora vive prisioneiro das páginas do livro que estou passando a limpo. Anuncio-te minha coleção de camisas, de Sulka, Avenue de Castiglione, Paris. Uma é roxa. Vão botar no chinelo a tua coleção de gravatas.

TARSILA- Olha, Anita, depois de ver essa pintura cheia de imaginação, não suporto mais as coisas de bom senso, ponderadas. Estou trabalhando com um professor moderno: Lhote. Com duas lições ganhei mais do que em dois anos. Estou certa que as tuas telas seriam bem aceitas aqui. Trata de arranjar as malas e diga-me em que vapor vens.

ANITA- Continuo firme na idéia de voltar para a Europa. Só Deus sabe se vou conseguir... A gente ter uma ambição dessas, acaba sendo mais tormento que prazer. Mas eu morreria se abandonasse a minha vida.

A luz de Anita vai se apagando lentamente.

OSWALD- Estamos vendo matches de box, corridas de touros, de cavalos, de automóveis...

TARSILA- ...teatro e balé modernos e aprendemos a dançar o charleston!

- OSWALD- Conhecemos o poeta Blaise Cendrars que vai voltar para o Brasil conosco e que nos leva a toda parte, nos apresenta a "tout Paris": Picasso, Cocteau, Léger.
- MARIO- Eu leio tudo e não conheço ninguém, não sou como Oswald de Andrade que conhece todo mundo e ler, não lê coisa nenhuma.
- TARSILA- Fomos com D. Olivia Penteado a todas as galerias de arte vanguardista de Paris e ela comprou telas de Fernand Léger e outros mestres.
- OSWALD- D. Olivia compreendeu que o movimento modernista já está vitorioso e voltando ao Brasil, tenho certeza que vai dar braço forte aos nossos artistas novos.
- TARSILA- Esperei tanto Anita, mas no nosso primeiro encontro ela me deu a impressão de que em vez de uma amiga tenho uma rival.
- OSWALD- Quem está aqui também é o Di Cavalcanti. Ele e Anita vão disputar com Tarsila o primeiro lugar na pintura moderna brasileira!
- TARSILA- Como agradeço por ter passado na fazenda a minha infância toda. Sinto-me cada vez mais brasileira: quero ser a pintora da minha terra, a caipirinha do Brasil, como no último quadro que estou pintando. (indica a Negra) O que se quer em Paris é que cada um traga contribuição de seu próprio país. Daí o sucesso dos bailados russos, das gravuras japonesas e da música negra.
- MARIO- Fortifiquem-se bem de teorias e desculpas porque quando aqui chegarem, temos briga, na certa. Vocês foram a Paris como burgueses. Uns caipiras em Paris. Tarsila, volta para dentro de ti mesma. Abandona Paris! Tarsila! Vem para a mata-virgem, onde não há arte negra, nem gravura japonesa. Há MATA-VIRGEM.
- OSWALD- (explodindo numa idéia) Pau-Brasil!
- MARIO- Criei o matavirgismo. Sou matavirgista. Disso é que o mundo, a arte, o Brasil e a minha queridíssima Tarsila precisam.

Apaga-se o foco de Mário.

Começa a soar uma batucada. Tarsila dá a mão à Negra-Obra que, finalmente, se levanta. A luz vai subindo, a batucada aumentando de volume. A Obra começa a sambar devagar, puxando Oswald e Tarsila para o aberto do palco. Oswald descobrindo o Pau-brasil.

OSWALD- O Carnaval. O Sertão e a Favela.

OBRA- (canta o refrão) Pau-Brasil!

OSWALD- Bárbaro e nosso. A riqueza vegetal. O minério. A cozinha. O vatapá, o ouro e a dança.

Entra a multidão fantasiada do carnaval, a batucada aumenta. Confeti e serpentina. Garoa, Mário, Viruta, D. Olivia e Blaise Cendrars vêm no meio da folia e vão cumprimentar Oswald e Tarsila, dançando.

OBRA- Pau Brasil!

A Obra canta o samba-enredo:

OBRA- Quando o português chegou  
Debaixo duma bruta chuva  
Vestiu o índio

Que pena!  
 Fosse uma manhã de sol  
 O índio tinha despido  
 O português

TODOS- Pau Brasil!

Todos continuam cantando, enquanto Oswald continua o Manifesto, interrompido apenas pelo refrão.

Os carnavalescos vão paramentando a Obra com um manto azul, cheio de estrelas.

OSWALD- A poesia para os poetas. Alegria da ignorância que descobre.  
 Pedr'Alvares!

OBRA- Pau Brasil!

OSWALD- A língua sem erudição. Natural e neológica. A contribuição milionária de todos os erros.

OBRA- Pau Brasil!

OSWALD- Contra a cópia, a invenção e a surpresa. E a sábia preguiça solar.

OBRA- Pau Brasil!

OSWALD- A reza. Bárbaros, pitorescos e crédulos.

OBRA- Pau-Brasil!

OSWALD- A floresta e a escola. A cozinha, o minério e a dança. A vegetação.

OBRA- Pau-Brasil!

O último carnavalesco tira da cabeça uma coroa de papel prateado, coroa a Obra e sai.

A Obra se imobiliza sobre um andor, de manto azul triangular e coroa prateada: é Nossa Senhora Aparecida.

Em torno de Oswald e Tarsila, ficaram reunidos Garça, Mário, D. Olívia e Cendrars.

OSWALD- O roteiro das Minas!

MÁRIO- A descoberta do Brasil!

A Obra-Nossa Senhora Aparecida começa a cantar um hino religioso popular.

Os carnavalescos levantam o andor, acendem velas e desfila pelo palco a procissão, enquanto Oswald diz como uma ladainha:

OSWALD- Ide a São João del Rei  
 De trem  
 Como os paulistas foram  
 A pé de ferro  
 Sete Lagoas  
 Sabará  
 Caetés  
 O córrego ainda tem ouro  
 O sol brilha como ouro  
 Os paulistas traídos  
 Sacrilégios  
 O vento  
 No anfiteatro de montanhas  
 Os profetas do Aleijadinho  
 Monumentalizam a paisagem  
 Bíblia de pedra sabão

## Banhada no ouro das minas

A procissão sai de cena. Oswald, Tarsila, Mário, D. Olívia, Cendrars e Garoa ficam em cena, formando um semi-círculo.

Música de circo.

As seis mocinhas de maiô cor-de-rosa, do início da peça, retornam e repetem suas acrobacias.

No meio delas, surge Piolim, o palhaço, que faz, com elas uma pantomima cruel: ajoelha-se diante da primeira, arranca do peito o coração de papel e entrega a ela. Ela examina o coração, gosta e abre os braços. Piolim a beija, faz cara de nojo, arranca da mão dela o coração que lhe deu e mete-lhe um pé na bunda. A mocinha rodopia para fora de cena.

Piolim vai para a moça seguinte e com muitos salameleques entrega a ela o coração. A moça aceita e beija Piolim na ponta do nariz vermelho. Ele gosta, levanta o colarinho, como fazem os palhaços, carrega a moça nos braços e vai jogá-la para fora de cena, com grande ruído.

Vem voltando, verifica que lhe falta no peito o coração, alarma-se, mas tranquiliza a platéia. Do bolso do paletó tira outro coração que vai entregar à terceira mocinha. Ela cruza os braços e vira as costas, recusando. Por trás dela, Piolim tira do bolso uma gigantesca nota de um dólar, mostra para a platéia, dá a volta em torno da moça. Ela gosta, bate palminhas e aceita. Dá um beijo na testa dele. Piolim faz uma careta de indignação para a platéia, vira um grande bofetão de circo na moça que sai de cena fazendo estrelas ou piruetas.

Piolim pega o dinheiro do chão e oferece à quarta moça. Ela recusa o dinheiro, mas aponta o coração. Piolim, deliciado, entrega a ela o coração. Ela pega o coração de papel e rasga-o em pedacinhos, cruelmente. Sem perder a calma, Piolim tira do bolso um enorme porrete, dá um golpe na cabeça dela. A moça morre, ele a arrasta pelos pés para fora de cena.

Volta. As duas mocinhas restantes estão esperando. Piolim tira do bolso um terceiro coração e pega o dinheiro do chão. Oferece o coração para uma que cruza os braços e vira as costas, recusando. Oferece o dinheiro para a outra que cruza os braços e vira as costas, recusando. Piolim olha a platéia, indagando-se o que fazer. Tem uma idéia. Rasga no meio o coração, rasga no meio o dinheiro. Oferece meio coração e meio dinheiro para uma, meio coração e meio dinheiro para a outra. As duas aceitam encantadas e o beijam, uma em cada face. Elas trançam os braços uma na outra, formando uma cadeirinha, Piolim se senta e elas o conduzem para fora de cena. Ele levanta o chapéu em despedida e agradecimento.

Oswald, Tarsila, Mario, Cendrars, Garoa e D. Olívia aplaudem, rindo. Mas antes de sair de cena, Piolim salta para o chão e vem correndo na direção deles. Arranca o nariz de palhaço e a cartola e coloca em Oswald. Sai correndo depressa.

O grupo ri e se encaminha para outro canto do palco. Enquanto caminham, Oswald retira o nariz e a cartola de palhaço e coloca em Garoa, que fica com eles até o fim da peça. D. Olívia vai dizendo:

D.OLIVIA- Como não tinha lugar para os quadros modernos resolvi reformar a cocheira velha, que não usava mais e fazer este "salão modernista", para os meus amigos artistas de São Paulo.

TARSILA- Ficou lindo, D. Olívia!

D.OLIVIA- A decoração é do Segall, os quadros mais lindos são os seus, o piano é pra Villa Lobos tocar...

CENDRARS- (olhando em torno) Vous, artistes de San Pôla, vivem muito bem! Vous savez como gastar muito bem as rendas do café (indica D. Olivia) e da venda de terrenos! (indica Oswald)

Risos. Entram garçons ou criadas de avental branco que servem taças.

D.OLIVIA- A partir de agora recebo às terças para o chá. Mas hoje, em homenagem ao nosso poeta francês, (indica Cendrars) um banquete bem brasileiro: feijoada!

OSWALD- Uma orgia intelectual!

MARIO- Não é o que vai dizer a intriga burguesa, sempre escandalizadíssima conosco!

TARSILA- Sempre se falou mal das festas modernistas.

OSWALD- Champanhe com éter, "a contribuição milionária de todos os vícios"....

MARIO- Em vez de almofadas, "coxins."

TARSILA- Frequentadas por ricos, políticos, cabotinos...

OSWALD- Palhaços da burguesia!...

CENDRARS- Ce palhaço brésilien que nós vimos no cirque é melhor que os irmãos Fratellini, de Paris. Comme se chama?

TARSILA- Piolim. A graça dele é que nunca se repete, encontra sempre um gesto novo, um imprevisto.

MARIO- Piolim, começou imitando outros palhaços, mas acabou superando os modelos. E brasileiro!

OSWALD- Ser brasileiro... é ser palhaço! (risos)

MARIO- (indignado, bravo) Não! Você é que faz da vida um espetáculo de circo. Faz as graças e se ri inda mais que os outros. Sacrifica tudo por uma caçoada. Ser brasileiro não é ser palhaço não!!

Um breve silêncio pesado de mal estar. D. Olivia salva a situação, vem dar o braço a Mário.

D.OLIVIA- Ser brasileiro é ser poeta. (para Cendrars) C'est vrai?

CENDRARS- C'est vrai! Vous savez? Quando se descobriu l'Amérique, a Europa já conhecia o Oriente, mas veio colonizar foi o Nouveau Monde. L'Amérique é o Extremo Occidente e, para mim, o futuro do homem branco, está na Amérique, principalmente na Amérique do Sul e sobretudo aqui, no Brésil!

OSWALD- (abraçando Cendrars) Eu fiz bem de te trazer pro Brasil!

MARIO- Isso fez mesmo. (para Cendrars) Você veio pra cá e pescou um dilúvio de sensações gostosas. A humildade bonita em que desembocou nos seus poemas é a mesma do Oswald com os poemas de Pau-Brasil.

OSWALD- (abraça Mário, fazendo as pazes) Obrigado, Mário.

TARSILA- E Tarsila é que fez bem de desenhar no seu livro aquela negra tão preta com a bonita folha de bananeira nas costas! Desse casamento vão nascer filhos bem bons.

Música.

As luzes se apagam de repente. Todos desaparecem. Ficam apenas Oswald e Tarsila numa ilha de luz.

OSWALD- Tarsila, aos seus argumentos doutro dia, oponho a minha vontade de terminar com este estado de coisas. Quero casar

com você. Será toda a minha felicidade. E a sua. Você me autoriza a agir? Pensei bem antes de te falar. Posso me considerar seu noivo?

TARSILA- (hesita um instante) D. Olivia conseguiu uma audiência com o Papa em Roma. Estão estudando o meu caso. A anulação religiosa do meu casamento deve sair logo.

OSWALD- (insistindo) Posso?

TARSILA- (hesita, sorri) Pode.

A música sobe de volume.

Garoa, sempre com nariz e cartola de palhaço entra na luz, com um telegrama na mão, interrompendo a música e cortando o clima.

OSWALD- (pega o telegrama da mão dele, abre e lê) Solicitamos sua presença urgente finalizar compra terrenos Vila Cerqueira César. Aceitamos preço proposto. PT saudações.

Oswald dá um salto e um grito de alegria. Abraça Tarsila.

OSWALD- Você vai na frente pra Paris. Mostre os quadros e se informe do movimento nas galerias, de tudo o que está acontecendo este ano. Quero deslumbramentos para o noivado social. Fique bem elegante, bem-bem, visite Patou, Poirat, chapéu também. Quero te pagar cada desenho que você faz pra meu livro com uma jóia antiga. Arranjei duas da Bahia.

GAROA- Uma porcéra e uns brinco.

Oswald tira do bolso uma grossa pulseira de ouro e dois brincos de ouro enormes. Tarsila fica deslumbrada e coloca as jóias, enquanto Oswald fala.

OSWALD- Para D. Olivia arranjei um livro valiosíssimo. Mas não diga nada a ela. É surpresa. Só vou dar quando a gente se encontrar em Paris. Devo terminar os negócios e embarcar logo.

TARSILA- Eu esperinhos.

GAROA- Parte, parte, minha molhêr.

Oswald e Tarsila se beijam. Garoa assiste.

Tarsila sai correndo para outro foco que se acende longe, no fundo do palco, onde antes estava a Negra e que é Paris.

TARSILA- (para Oswald e Garoa)  
 Bestão querido  
 Estou sofrendo  
 Sabia que ia sofrer  
 Ando desperdiçando beleza  
 Longe de ti  
 Que distância!  
 Não choro  
 Porque meus olhos ficam feios  
 Assinado: Trolыр.

GAROA- (para Tarsila)  
 Coisa que Trolыр Tresor  
 tem de fazer:  
 Passeal

sem  
 Namoral  
 Soldádir do seu  
 Volór.

OSWALD- (ri) Que língua é essa, Serafim?

GAROA- Acabei de inventar. É a língua "choler" especial pra você escrever pra mulher casada e ninguém entender.

Oswald dá um empurrão em Garoa, que sai da luz.

OSWALD- Confio na melhor e mais rápida das soluções da anulação de teu casamento por aqui. Engordei 10 kilos em 1 dia e meio. Anuncie isso a boa D. Olívia. Partirei assim que terminar os negócios dos terrenos.

GAROA- (entra depressa na luz) Por que demorinhos em me escrever?

Antes que Oswald lhe bata, Garoa/Serafim sai depressa da luz.

Apaga-se lentamente a luz de Tarsila enquanto Oswald diz:

OSWALD- Os alfandegários de Santos  
 Examinaram minhas malas  
 Minhas roupas  
 Mas se esqueceram de ver  
 Que eu levava no coração  
 Uma saudade feliz  
 de Paris

GAROA- (entrando na luz) Prezada dona Tarsila. O mar vai carmo e azul. Azur.

OSWALD- Estou viajando com os maiores financistas que têm negócios com o Brasil e comigo! Passo os dias conversando "business". Sou um puro homem de negócios.

(abraça Garoa/Serafim) Serafim Ponte Grande está apreciando muito a travessia. Escreveu um romance e teve um filho.

GAROA- O romance intitula-se "O Meridiano de Greenwich" e o filho "Serafim da Ponte Pequena".

OSWALD- Estou levando a cauda do vestido de casamento de minha mãe para Poirat fazer o vestido de casamento pra você. Seu muito leal, Oswald.

GAROA- (corrigindo) Volór, Serafim Ponte Grande.

Os dois saem abraçados na direção onde estava Tarsila.  
 Mário entra no foco.

MARIO- Tarsiwald  
 Pegue-se 3 litros do visgo da amizade  
 Ajunte-se 3 quilos do açúcar cristalizado da admiração  
 Perfume-se com 5 tragos da pinga do entusiasmo  
 Mexa-se até ficar melado bem pegajento  
 E se engula tudo duma vez.  
 Como despedida do Mário de Andrade  
 Pra Tarsila  
 E  
 Osvaldo  
 Amên

Apaga-se o foco.

Acende-se a luz do fundo. D. Olivia está ajudando Tarsila a vestir o vestido de noiva ("de cor creme, de brocado e chamalote, em listas, tinha uma capa branca forrada de veludo creme, com gola em pé, à moda medieval")

TARSILA- (falando depressa e excitada: uma noiva que se apronta para o casamento)

Oswald já me deu de presente uma linda mobília de sala de jantar. Uma mesa lindíssima, 12 poltronas de madeira amarela, forradas de veludo verde, 6 cadeiras e 2 buffets. E muito moderna e decorativa. Já escolhi uma mobília de quarto extremamente simples e nova de linha. E muito bonita. Já comprei as louças, serviços de cristal, etc. Oswald está com o homem dos vinhos para completar o que já temos na nossa adega, na fazenda. As louças e cristais que comprei completam perfeitamente as que Oswald me deu de presente aqui e em Paris. Além de dois serviços finíssimos de chá e um de sobremesa ele acaba de me oferecer um para frutas e anda procurando talheres de prata.

Tarsila está pronta. A luz se apaga repentinamente e eclode a Marcha Nupcial perfeitamente "kitsch".

Num corredor de luz, o casal de noivos avança para a boca de cena: Oswald de fraque, Tarsila de noiva com um imenso véu branco. Sobre a música uma voz gravada:

VOZ GRAVADA- Realiza-se hoje, em oratório particular, o enlace matrimonial da senhora Tarsila do Amaral com o sr. Oswald de Andrade. Ambos os nubentes se casam em segundas núpcias.

Entra Angelina Agostini.

ANGELINA- Quando vi Tarsila e Oswald tomando providências, anulação, festa e casamento, pensei: Não vai dar certo. Se estava tudo bem entre eles, por que precisavam mudar? Deviam ter ficado em Paris... (sai)

VOZ GRAVADA- E padrinho do noivo o presidente eleito Washington Luís.

Entra Blaise Cendrars.

CENDRARS- Você devia s'ocupar é de l'art e não de embaixadores, de políticos, de sociedade. O perigo para você, Oswald, é a oficialidade. (sai)

A Marcha Nupcial retoma todo seu volume, Oswald e Tarsila, noivos elegantíssimos, marcham até a boca de cena.

A Obra, nua, entra correndo em cena, puxando uma imensa cortina com a pintura "Abaporu" que os cobre inteiramente das vistas do público.

A Marcha Nupcial cessa instantaneamente.

Oswald surge de um lado da pintura, Raul Bopp do outro.

OSWALD- Tarsila me deu de presente de aniversário o último quadro dela.

Os dois amigos se maravilham diante do quadro gigante. A Obra entra com um grande livro na mão.

OSWALD- Não é genial?  
 BOPP- Genial! Como é o título?  
 OSWALD- Não sei.  
 BOPP- Vamos fazer um movimento em torno desse quadro.

A Obra entrega a Oswald o livro, ele lê a capa.

OSWALD- Dicionário Tupi-Guarani?

A Obra responde que sim com um sinal de cabeça e sai. Oswald e Bopp folheiam o livro enquanto Tarsila surge do centro da pintura, já em roupas comuns.

TARSILA- Eu segui apenas uma inspiração sem nunca prever o resultado.  
 OSWALD- (lendo no livro) Homem é... aba.  
 TARSILA- Essa figura plantada no chão brasileiro ao lado de um cacto, sugeriu a Oswald a idéia da terra...  
 BOPP- (lendo no livro) Poru: que come.  
 TARSILA- Do homem nativo...  
 OSWALD- Abaporu!  
 TARSILA- Selvagem...  
 BOPP- Homem que come.  
 TARSILA- Antropófago...

Explode a música forte. A grande pintura se agita com o vento.

Tarsila e Bopp saem depressa.

A Obra entra, puxando Garoa/Serafim de cartola e nariz de palhaço. Oswald atira longe o livro e explode, feroz, gritando:

OSWALD- Só a antropofagia nos une! Socialmente! Economicamente! Filosoficamente! Única lei do mundo.  
 GAROA- Expressão mascarada de todos os individualismos, de todos os coletivismos.  
 OSWALD- De todas as religiões. De todos os tratados de paz.  
 OBRA- Tupi or not tupi that is the question!  
 GAROA- Só me interessa o que não é meu.  
 OSWALD- Lei do homem.  
 OBRA- Lei do antropófago.  
 GAROA- A reação contra o homem vestido.  
 OSWALD- Contra todos os importadores de consciência enlatada. A existência palpável da vida.  
 OBRA- Queremos a Revolução Caraíba.  
 GAROA- Maior que a Revolução Francesa.  
 OBRA- Antropofagia.  
 OSWALD- A transformação permanente do Tabu em totem.  
 OBRA- A magia e a vida.  
 OSWALD- Só não há determinismo onde há mistério. E preciso partir de um profundo ateísmo para se chegar à idéia de Deus.  
 OBRA- Antes dos portugueses descobrirem o Brasil, o Brasil tinha descoberto a felicidade.  
 GAROA- A alegria é a prova dos nove.  
 OSWALD- Contra a Memória, fonte do costume. A experiência pessoal renovada.  
 OBRA- Antropofagia.  
 GAROA- A alegria é a prova dos nove.  
 OSWALD- A humana aventura. A terrena finalidade.  
 OBRA- Antropofagia carnal, a mais elevada expressão do homem.

GAROA- Inveja, usura, calúnia, assassinato: baixa antropofagia.  
 OSWALD- E contra ela que estamos agindo.  
 OBRA- Antropófagos.  
 GAROA- Contra a realidade social, vestida e opressora:  
 OSWALD- A realidade sem complexos, sem loucura, sem prostituições e sem penitenciárias!

A música cessa, o vento ruga. As palavras do Relógio soprando junto, rápidas.

A cortina despenca do alto e é retirada por Oswald, Garoa e a Obra, que saem correndo.

A vento cessa abruptamente.

No palco vazio e escuro acende-se um único foco, no fundo.

Pagu entra na luz.

(Depoimento de Pedro de Oliveira Ribeiro Netto: com "um daqueles vestidos que a Tarsila tinha trazido de Paris, branco, e, assim, parecido com um vestido espanhol de Goya, qualquer coisa assim, porque era justo em cima e a saia se abria muito embaixo, de godê... com uma capa preta, forrada de vermelho, com listas largas de um palmo, de vermelho e preto e um balangandã de prata na cintura. Então, quando chegava na hora do estribilho, ela corria até o fundo do palco e abria a capa, assim, de vermelho e preto, abria a capa e dizia "E Pagu é".)

Pagu abre a capa e vem correndo do fundo do palco junto com a luz que vai subindo, gritando:

PAGU- E Pagu é

Na boca de cena, declama arrogante e desafiadora:

PAGU- Pagu tem uns olhos moles,  
 olhos de não sei o que,  
 se a gente tá perto deles  
 a alma começa a doer.  
 E Pagu é  
 dói porque é bom de fazer doer.  
 Pagu! Pagu!  
 Eu não sei o que você tem  
 que a gente queira ou não queira  
 fica te querendo bem.

Um repórter, de terno surrado, com um pedaço de papel onde se lê IMPRENSA espetado de lado no chapéu de feltro, (como os repórteres de histórias em quadrinhos) entra correndo e vai até Pagu com um caderninho e caneta na mão, anotando as respostas dela. Durante a entrevista, Oswald e Garoa/Serafim entram e colocam-se ao lado dela.

REPORTER- Que é que você pensa, Pagu, da antropofagia?

PAGU- Eu não penso: eu gosto.

REPORTER- Tem algum livro a publicar?

PAGU- Tenho: a não publicar. Os "60 Poemas Censurados" que eu dediquei ao diretor da censura. E o "Album de Pagu - Vida, Paixão e Morte" - nas mãos de Tarsila que é quem toma conta dela. As ilustrações dos poemas são também feitas por mim.

REPORTER- Quais as suas admirações?

PAGU- Tarsila, Padre Cícero, Lampião e Oswald. Com Tarsila fico romântica. Dou por ela a última gota do meu sangue. Como artista só admiro a superioridade dela.

REPORTER- Mas dizem que você tem um romance com o Oswald.

Oswald empurra o Repórter que cai no chão. Oswald se atira em cima dele e o espanca.

GARÇA- (assistindo a briga)  
Se o lar de Tarsila  
vacila  
é pelo angu  
da Pagu.

OSWALD- (para o Repórter caído no chão) Desde o dia que ela entrou na casa que eu morava, eu saí com ela, vivi com ela. Agora todas as horas de Pagu são minhas. Eu sou o relógio de Pagu. Ela gosta e vive do meu ponteiro. Um ponteiro só. Fui primeiro o minuto, depois as 5 horas, depois a meia noite. Quando morrer serei a noite de Pagu. Hoje sou o dia de Pagu. Renovei toda a história da terra e a história do homem na terra! Não! Do homem no céu! Que amor dá céu!

O Repórter se levanta, limpa as roupas. Olha Pagu e suspira:

REPORTER- Eu entendo. Assim que vi Pagu virei também antropófago. Seria capaz de devorar vários bispos Sardinha. Pagu não tem modos. Tem gênio. Eta pequena notável, anúncio luminoso da Antropofagia.

Oswald, ciumento, vai avançar para ele, o Repórter foge depressa, dando uma trombada em Raul Bopp e Antonio de Alcanta Machado, que entram com grandes pilhas de revistas, distribuindo aos presentes, proclamando em tom de anúncio de jornaleiro de rua:

ANTONIO- A experiência modernista despertou em cada conviva o apetite de meter o garfo no vizinho.

BOPP- Na Revista de Antropofagia se processará a mortandade.

ANTONIO- Todas as oposições se enfrentarão.

BOPP- Milagres do canibalismo.

ANTONIO- Aí vem nossa comida pulando.

BOPP- A Revista de Antropofagia está acima de qualquer grupo ou tendência.

ANTONIO- Ela aceita todos os manifestos, mas não bota manifesto

BOPP- Ela aceita todas as críticas mas não faz crítica.

ANTONIO- Ela é antropófaga como o avestruz é comilão.

Pagu e Oswald não aprovam. Oswald avança, enfurecido.

OSWALD- Avestruz coisa nenhuma! que avestruz come qualquer coisa, come Mário de Andrade, come Guilherme de Almeida, come Graça Aranha, come os escravos da cultura da Europa!

ANTONIO- Mas fomos nós todos juntos que mastigamos a merda da arte antiga com você.

OSWALD- Mastigaram com dente de leite!

BOPP- Ô, Oswald. Não despreze os companheiros velhos que você acaba sozinho, Oswald.

PAGU- Sozinho com Freud, sozinho com Marx, o melhor romântico da antropofagia.

OSWALD- Sozinho, mas arreganhando os dentes da segunda dentição, devorando a influência estrangeira e vomitando brasileiro. Nosso bicho é o tamanduá bandeira.

PAGU- Nossa bandeira é o tamanduá.

OSWALD- Que enterra a língua na terra, pra chupar o tutano da terra. As formigas grudam na língua dele, mordendo, queimando, ele engole as formigas.

PAGU- Contra os fascistas de qualquer espécie e contra os bolchevistas também de qualquer espécie. O combate ao marxismo sectário.

Antonio de Alcântara Machado e Raul Bopp saem, contrariados.  
Oswald abraça Pagu.

GAROA- (como um locutor) Piratininga, ano 376 da deglutição do Bispo Sardinha. Nesta data contrataram casamento a jovem amorosa Patricia Galvão e o crápula forte Oswald de Andrade. Foi diante do túmulo do Cemitério da Consolação à rua 17, no. 17, que assumiram o heróico compromisso. Na luta imensa que sustentam pela vitória da poesia e do estômago foi o grande passo prenunciador, foi o desafio máximo. (irônico) Depois se retrataram diante de uma igreja.

OSWALD- (amoroso) Cumpru-se o milagre. Agora sim, o mundo pode desabar.

GAROA- E desabou mesmo!

Entra Abelardo.

ABELARDO- O seu nome?

OSWALD- Oswald de Andrade.

ABELARDO- (folheando o dossier que tem nas mãos) Oswald... Oswald...

OSWALD- Oswald não, Oswald.

ABELARDO- (folheando o dossier) Profissão?

OSWALD- Eu era proprietário quando vim aqui pela primeira vez. E jornalista e escritor. O empréstimo, o primeiro, creio que foi por causa do crack da Bolsa de Valores...

ABELARDO- Já sei. Está nos IMPONTUAIS. (abre outra parte do dossier, encontra a folha de Oswald, lê) Vaja! Isto não é comercial Seu Oswald...

OSWALD- Oswald...

ABELARDO- O senhor fez o primeiro empréstimo em fins de 29. Liquidou em maio de 1931. Fez outro em junho de 31, estamos em 1933. Reformou sempre. Há dois meses suspendeu o pagamento dos juros.... Não é comercial...

OSWALD- Exatamente. Procurei o senhor a segunda vez porque não consegui vender os meus terrenos em Cerqueira César, hipotequei minha fazenda. E a revolução de 30... Foi um mau sucesso que complicou tudo...

ABELARDO- O senhor sabe, seu Oswald...

OSWALD- Oswald...

ABELARDO- ...que o sistema da casa é reformar. Mas não podemos trabalhar com quem não paga juros... Vivemos disso. O senhor cometeu a maior falta contra a segurança do nosso negócio e o sistema da casa...

OSWALD- Há dois meses somente que não posso pagar juros.

- ABELARDO- Dois meses. O senhor acha que é pouco, seu Oswald?
- OSWALD- Oswald. Por isso mesmo é que eu quero liquidar. Entrar num acordo. A fim de não ser penhorado. Que diabo! O senhor tem auxiliado tanta gente. E amigo de todo mundo... Por que comigo não há de fazer um acordo.
- ABELARDO- Aqui não há acordo, meu amigo. Há pagamento!
- OSWALD- Mas eu me acho numa situação triste. Não posso pagar tudo, seu Abelardo. Talvez se conseguir vender uns terrenos, uns quadros...
- ABELARDO- Apesar da sua impontualidade, examinaremos as suas propostas, seu Oswald.
- OSWALD- Oswald! Oswald! E eu fui pontual dois anos e meio. Paguei enquanto pude. Só de juros eu lhe trouxe aqui mais que o dobro do que levei. O senhor me conhece, seu Abelardo, todo mundo me conhece.
- ABELARDO- Pois se não me pagar tomo-lhe até a roupa, ouviu? A camisa do corpo.
- OSWALD- A minha situação é triste... Não tenho culpa se meus livros não vendem. Abri um jornal: O Homem do Povo. Saíram só oito números. Os estudantes empastelaram. Não hei de morrer de fome, também. Sou um homem habilitado. Tenho procurado inutilmente emprego por todos os jornais. Só tenho recebido nhões enormes. Do tamanho do céu! Mas vou voltar a escrever. Quero ver se adiantam para lhe pagar.
- ABELARDO- Mas enfim o que é que o senhor me propõe?
- OSWALD- Uma pequena redução no capital.
- ABELARDO- No capital! O senhor está maluco! Reduzir o capital? Nunca!
- OSWALD- Mas só de juros eu já paguei mais do dobro do que levei daqui...
- ABELARDO- Me diga uma coisa, seu Oswald...
- OSWALD- (furioso) Oswald! Oswald!!
- ABELARDO- Fui eu que fui procurar o senhor para assinar este papagaio? Com que direito o senhor me propõe uma redução no capital que eu lhe emprestei?
- OSWALD- (desnorteado) Eu já paguei duas vezes...
- ABELARDO- Suma daqui! Saia ou chamo a polícia. A polícia ainda existe...
- OSWALD- Para defender os capitalistas! E os seus crimes!

Abelardo sai. Oswald volta para o lado de Pagu.

- GARÇA- Eu empobreço de repente  
 Tu enriqueces por minha causa  
 Ele azula para o sertão  
 Nós entramos em concordata  
 Vós protestais por preferência  
 Eles escafedem a massa.  
 Oxalá que eu tivesse sabido  
 que o verbo crackar  
 era irregular!

Oswald está arrasado. Pagu o abraça, carinhosa.

- PAGU- Meu pequeno-burguês lancinante. Está tudo errado. Não só a sua arte, como a sua vida.
- GARÇA- (irônico) Somos um setor atrasado da luta de classes.

PAGU- Não quero que você fique só um artista. Quero te dar a consciência da tua pobreza, do teu trabalho e da tua luta contra os exploradores da vida!

Oswald e Pagu se abraçam, amorosos.  
Entra uma multidão em passeata, carregando faixas e bandeiras vermelhas, cantando o estribilho da Internacional.

TODOS- E a luta final,  
Todos juntos que amanhã  
Com a Internacional  
A Humanidade será irmã!

Improvisam um palanque, sobre o qual sobe um orador possesso, com um megafone, que vai falando enquanto Oswald e Pagu vão abrindo, com esforço, caminho pela multidão, até o palanque.

ORADOR- Camaradas! A nossa luta apenas começou! Depois desta Revolução de São Paulo, está na hora de lutar pelos nossos direitos.

Aplausos ruidosos, assobios. Oswald e Pagu sobem para o palanque.

ORADOR- E hora de expulsar do nosso meio os oportunistas.  
(aplausos)  
Os agitadores individuais, sensacionalistas e inexperientes.  
(aplausos)  
Um desses elementos perniciosos é essa Pagu, poetisa que vive com o artista burguês Oswald de Andrade.

Aplausos. Pagu reage violentamente. Tenta arrancar da mão do orador o megafone. O homem reage e empurra Pagu, ela cai nos braços de Oswald.

ORADOR- Esses dois ingressaram no Partido, mas para eles ser membro do PC, lutar do lado dos operários, tramar a derrubada da burguesia e instalar a ditadura do proletariado, é "muito divertido e emocionante".

TODOS- (em coro) Fora! Fora! Fora! Fora! (misturados a assobios e vaias)

Pagu arranca o megafone das mãos do orador.

PAGU- Quando eu morrer, não chorem a minha morte. Deixarei o meu corpo pra vocês.....

Sobem outros homens para o palanque, Oswald defende Pagu, grande agitação.

Uma sirene de polícia vem se aproximando, cada vez mais alta.

Oswald é carregado pelos homens e atirado na boca de cena.

A multidão sai correndo. Oswald fica caído, a sirene de polícia guincha muito alto.

As luzes mudam.

Oswald, desacordado, tem um pesadelo: entra a Mãe, ressuscitada, com asas de anjo e que o abraça no chão.

MAE- (chorando) Que aflição, meu filho! Que aflição! Se não houvesse Deus, filho, que nos restaria a nós, pobres seres sem força, na torrente monstruosa que vês?

OSWALD- Mãe....

Entra Deus, de longas barbas brancas, num imenso macacão, seguido de Pagu com asas de anjo e vem sentar-se junto de Oswald.  
Pagu/Anjo ampara Oswald.

OSWALD- Quem é você?

DEUS- O camarada Deus.

OSWALD- Ah!

DEUS- (declamatoriamente) Porque te nobilitei, dando-te a vontade livre, te rebelaste contra mim, renovaste, no pequeno cenário perdido de tua vida, a tragédia dos Arcanjos!

OSWALD- Senhor, foi a primeira luta de classes...

DEUS- (suspira, sacode a cabeça, desanimado) Os homens mesmos deliberam os seus infernos...

OSWALD- O que é necessário fazer então?

DEUS- Sofrer.

OSWALD- E depois?

DEUS- Serás conduzido até os primeiros degraus da eternidade!

O camarada Deus se levanta para sair.  
Pagu arranca as asas, vai atrás de Deus e entrega a ele as asas.  
Volta para o lado de Oswald.  
Mudam as luzes, cessa a sirene.  
Pagu pega a mão dele, Oswald se levanta.

PAGU- E então, paizinho? Ainda quer lutar?

OSWALD- Quero, bebê.

PAGU- Não uma luta interior e desgraçada, imaginária. Com uma arte doentia por desabafo. Existe um mundo, a pátria organizada de todos os revoltados, de todos os oprimidos, de todos os condenados da sociedade burguesa. Um mundo que justifica os protestos da vida.

OSWALD- E o amor, bebê?

PAGU- Não nego que o nosso amor seja bom, paizinho. Dá um preço enorme pra vida. Eu te amo. Mas se a gente ficar nisso, vamos acabar tendo nojo de nós mesmos.

OSWALD- (deslumbrado) Foi preciso uma mulher para me fazer descobrir o exato caminho revolucionário.

Oswald abraça Pagu e a beija ardentemente. Pagu retribui. Oswald se excita, levanta a saia dela, acariciando a coxa. Pagu se liberta.

OSWALD- Você não quer?...

PAGU- (se afastando dele) A questão sexual é secundária...

OSWALD- Onde você vai?

PAGU- Eu sou uma repórter como você, em marcha batida pelo mundo, sempre em frente numa viagem redonda, Rio-Pará, Pará-Califórnia, cruzar o Panamá, atravessar o Pacífico, Japão... depois a China, a Sibéria e, por fim, a Rússia da minha fé.

Pagu sai para o fundo do palco. Oswald fica, novamente derrotado e triste.

OSWALD- Estou só.

Garoa/Serafim, de palhaço sempre, entra com uma carta na mão. Entrega a Oswald, que lê.

PAGU- (de seu lugar) Sambinha. Última etapa. Fiz umas besteirinhas pelo caminho e a polícia me amolou pra burro. Mas tudo tá bem. A Rússia é jantar frio sem fantasia. Tou aqui e tou besta. O ideal está ruindo diante da infância miserável das sarjetas, os pés descalços e os olhos agudos de fome. Em Moscou, um hotel de luxo para os altos burocratas, os turistas do comunismo, para os estrangeiros ricos. Na rua as crianças mortas de fome: é isto o regime comunista?

Enfurecido, Oswald atira longe a carta. Pagu assiste de longe. A Obra vai entrando lentamente enquanto ele fala.

OSWALD- Na situação "revolucionária" desta bosta mental sul-americana, o contrário do burguês não é o proletário - é o boêmio! Não querendo ser burguês, passei a ser boêmio.

GAROA- Um palhaço de classe.

OSWALD- Servi à burguesia sem nela crer. A alta do café, a poesia Pau-brasil foram operações imperialistas. O movimento modernista culminou no sarampão antropofágico. Isso tinha de ruir com a crise. Ruiu a literatura brasileira. Ficou da minha este livro: Serafim Ponte Grande.

Música.

Oswald na frente e Pagu, ao longe, assistem a cena entre Garoa/Serafim e a Obra.

GAROA- Quer saber o que de si penso, madama? A senhora é uma vítima de sigo mesma. Uma vítima impassível!

OBRA- Explicai-me, senhor Serafim!

GAROA- E-me fácil, minha senhora. Permiti-me porém uma certa desenvoltura da pisicanálise.

OBRA- (envergonhada) Permito tudo, senhor Serafim, menos uma coisa.

Serafim tosses, esgarra ligeiramente, passa o pé por cima, enxuga os bigodes e prossegue:

GAROA- Um caráter independente, caprichoso, que não encontrando nunca a felicidade-lei tranquilamente se dispôs a gozar, encerrando a existência no prazer-ênfora!

OBRA- Que grande pissiquêlogo o senhor me sai! Puxa!

Garoa atira um beijo a Pagu.

Pagu atira um beijo a Garoa.

Garoa vai saindo e a luz de Pagu se apagando enquanto Oswald diz:

OSWALD- Eu, simplesmente, me declaro enojado de tudo. O caminho a seguir é duro. Voltar pra trás é que é impossível. O meu relógio anda sempre para a frente.

Cai toda a luz, restando apenas o contra-luz. Oswald e a Obra ficam em seus lugares.

Entram a Mãe, Landa, Kamiá, Daisy, Isadora/Tarsila e Pagu dizendo os versos e se colocam em torno de Oswald, à distância.

VOZES- As coisas são  
As coisas vêm  
As coisas vão  
As coisas  
Vão e vêm  
Não em vão  
As horas  
Vão e vêm  
Não em vão

OBRA- (para Oswald, apontando o fundo do palco.  
Ei-la!

Oswald olha. Uma luz dourada inunda o palco.

Por entre as mulheres vem Beatriz inteiramente coberta por um véu, caminhando lentamente.

OBRA- Que gestos solenes!  
OSWALD- Voltas ao meu caminho!  
BEATRIZ- Os homens abateram as florestas. Expulsaram os espíritos da terra! Substituíram as árvores por armações metálicas.  
OSWALD- Desfizeste tua frágil e confusa capa ética.  
BEATRIZ- Sou virgem de novo. Não vês este véu?  
OSWALD- E a máscara de um ser que se dispersa.  
BEATRIZ- Ao contrário, encontrei a minha unidade!  
OBRA- (agarrando o braço de Oswald) Deixa-a! Não vês que habitas de novo com ela os subterrâneos da vida interior?  
OSWALD- Ela é o meu drama.  
OBRA- Deixa-a!  
OSWALD- Não. O coração acorda de repente.  
BEATRIZ- Não podes abandonar-me! Nasci da seleção de ti mesmo! Comecei a palpitar com a tua religião infantil, com a tua cultura adolescente! Fui o cofre das tuas tradições, o berço da tua gente!  
OSWALD- Não poderei fazer mais nada sem ti!  
BEATRIZ- O amor é o quero-porque-quero da vida.

Oswald avança e retira o véu de Beatriz.

OSWALD- Escuta este verso  
Qu'eu fiz pra você  
Pra que todos saibam  
Qu'eu quero você

Começa a soprar o vento. As mulheres murmuram Senhora Dona Sancha como uma canção de ninar sem palavras, sobre a qual cada uma diz um verso.

MAE- No fundo do poço  
ISADORA- No cimo do monte  
KAMIA- No poço sem fundo  
TARSILA- Na ponte quebrada  
LANDA- No rêgo da fonte

FAGU- Na ponta da lança  
DAISY- No monte profundo

Sobre a canção, Oswald diz:

OSWALD- Não sei quando começaste em mim, em que idade, em que eternidade. Teus passos subiam das barrocas desesperadas do desamor. Trazias nas mãos alguns livros de estudante e os olhos finais de minha mãe.  
Toma conta do céu  
Toma conta da terra  
Toma conta do mar  
Toma conta de mim  
Maria Antonieta d'Alkmin  
E fica sendo em minha vida a esposa.

Todos os outros personagens vão entrando e se misturando às mulheres. Dizem os versos do Relógio.

TODOS- As coisas são  
As coisas vêm  
As coisas vão  
As coisas  
Vão e vêm  
Não em vão  
As horas  
Vão e vêm  
Não em vão

Sobre os versos Oswald fala.

OSWALD- Viajei, fiquei pobre, fiquei rico, casei, enluqueci, casei, divorciei, viajei... Tudo o que trouxe das minhas viagens pelo mundo foi o Brasil mesmo... Briguei diversas vezes. Tomei parte em batalhas. Fui preso treze vezes. Tive também grandes fugas por motivos políticos. Tres filhos ...  
A vida é viva! E eu vivi!

O vento aumenta no palco, os personagens se movimentam, os versos do Relógio repetidos num turbilhão.

Oswald desce para a plateia, conversando com as pessoas.  
A Obra observa da boca de cena.

OSWALD- A minha obra não tem a menor importância. Tudo feito às pressas, apenas pra me divertir. Sem paciência para trabalhar muito, reescrever, me aprimorar. Tudo em pílulas, texto partido, frases soltas, sem estrutura sólida  
O que não impediu que eu fosse imitado.  
Eu mesmo nunca fiz outra coisa senão imitar-me. Personagem maior que a obra, vida maior que a obra.  
Fui amado, odiado...  
Aham que eu tive culpa no caso da Daisy?  
Fui esquecido, morto, enterrado.  
E redescoberto. Virei Oswald, que é mais chique e parece nome americano.  
Virei monumento da literatura nacional!  
Que ninguém leu!

A Obra desce para a platéia, para buscar Oswald.  
No palco o turbilhão do vento e do Relógio vai destruindo o cenário e retirando do palco todos os elementos de cena.

OSWALD- Os donos da cultura, os donos da vida fizeram de mim o símbolo da inconsequência nacional! E ainda citam minhas frases: "Não li e não gostei!"

A Obra começa a puxar Oswald de volta para o palco.

OSWALD- "Um dia a massa ainda vai comer o biscoito fino que eu fabrico" porque do homem mergulhado no meu tempo, da minha luta pela liberdade na vida e na literatura, sobrou só a imagem do louco, debochado, desbocado, sem caráter que sempre fez o que quis.

Da boca de cena, ele se volta para a platéia.

OSWALD- O que é sempre melhor que virar estátua de jardim pros pombos cagarem em cima.  
A vida... é viva!

A Obra lança Oswald para dentro do turbilhão que vai se esvaindo até saírem todos de cena.

A Obra fica sozinha no palco inteiramente vazio, muito iluminado

OBRA- (para a platéia) Senhoras, senhores, somos todos, nós e vós, pedaços de personagens, perdidos no teatro, nas ruínas misturadas de um mundo. Como nos terremotos de vosso próprio domicílio ou em mais vastas penitenciárias. Não vos retireis das cadeiras horrorizados com esta autópsia. Consolai-vos em ter dentro de vós um pequeno poeta e uma grande alma!

Música.  
Escurecimento.

FIM  
São Paulo agosto 1990